

contraponto

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO

Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes - PUC-SP



Entre ruínas, testemunhos e projeções: a arte contemporânea como questionamento político

Atuando em novas formas de reflexão, o movimento propõe modificar padrões culturais e sociais ao emergir questões invisibilizadas

Editorial

Outubro de 2021. Março, setembro e dezembro de 2022. Janeiro, fevereiro, março e maio de 2023. Este recorte cronológico revela a omissão em relação aos casos de racismo que atingiram o jogador brasileiro Vinícius Junior, atualmente no Real Madrid

As dez vezes em que Vini foi alvo de ataques desumanos foram marcadas pela falta de ação da Liga de Futebol Espanhol, além de, Javier Tebas, presidente da LaLiga, culpar a vítima pelos "incidentes" ocorridos.

A ousadia e talento do brasileiro causa inveja nos rivais. Seu jeito alegre e espontâneo desperta raiva em torcedores radicais e odiosos. O garoto de São Gonçalo, um dos melhores jogadores do mundo, é rebaixado e humilhado pela cor da pele. Parece que voltamos a 1500.

Diversos jogadores sofrem diariamente com essa situação, quantos não tem a mesma visibilidade que o craque do Real Madrid. Dada a posição e luta de Vini, outros casos poderão surgir e, consequentemente, diversos atletas poderão receber apoio. As punições precisam ser aplicadas, não há espaço para os racistas em nenhum local, com os estádios não é diferente. A luta de um é a luta de todos.

Uma sociedade arcaica, que se utiliza de métodos sem escrúpulos, não merece ter o futebol de Vini. Basta. "Enquanto a cor da pele for mais importante que o brilho dos olhos haverá guerra", palavras tatuadas na perna do jogador madrileno. Enquanto racistas estiverem gerindo instituições haverá guerra. Enquanto a sociedade não entender que é preciso ser antirracista haverá guerra. Enquanto garotos iguais ao Vini tiverem um sonho haverá esperança.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

Reitora Maria Amalia Pie Abib Andery
Vice-Reitora Angela Brambilla Lessa
Pró-Reitor de Pós-Graduação Márcio Alves da Fonseca
Pró-Reitora de Graduação Alexandra Fogli Serpa Geraldini
Pró-Reitora de Planejamento e Avaliação Acadêmicos Márcia Flaire Pedroza
Pró-Reitora de Educação Continuada Altair Cadrobbi Pupo
Pró-Reitora de Cultura e Relações Comunitárias Mônica de Melo
Chefe de Gabinete Mariangela Belfiore Wanderley

FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES (FAFICLA)

Diretor Fabio Cypriano
Diretora Adjunta Priscila Almeida Cunha Arantes
Chefe do Departamento de Comunicação MiSaki Tanaka
Vice-chefe do Departamento de Comunicação Mauro Peron
Coordenador do Curso de Jornalismo Diogo de Hollanda
Vice-coordenadora do Curso de Jornalismo Maria Angela Di Sessa

EXPEDIENTE CONTRAPONTO

Editora Responsável Anna Flávia Feldmann
Editora-assistente Rafaela Reis Serra
Secretário de Redação Carlos Gonçalves
Fotografia Lídia Rodrigues de Castro Alves
Mídias Sociais Maria Ferreira dos Santos, Manuela Troccoli

Editorias
Artes Carlos Gonçalves
Cultura Lucas Malagone
Cidades Giovanna O. da Silva
Comunidade Acadêmica Amanda Furniel
Educação Julia Takahashi

Entretenimento Paula Moraes
Esportes Leonardo de Sá
Internacional Gabriela Costa
Moda Ramon de Paschoa
Política Nanda

Revisão Ana Luiza Pêgo, Anna da Matta, Daniel Seiti, Enrico Souto, Fernanda Fernandes, Gabriel Porphirio Brito, Gabriela Costa, Gabriela Maya Freitas, Giovana Yamaki, João Curi, Julia Nogueira, Laura Mello, Marcela Foresti, Maria Sofia Aguiar e Victoria Nogueira

Comitê Laboratorial Cristiano Burmester, Diogo de Hollanda, Fabio Cypriano, José Arbex Jr., Maria Angela Di Sessa e Pollyana Ferrari

Foto da capa Menina (Girl), 2018. Sonia Guggisberg.

Projeto e diagramação Alline Bullara

Contraponto é o jornal-laboratório do curso de Jornalismo da PUC-SP.
Rua Monte Alegre 984 – Perdizes
CEP 05014-901 – São Paulo/SP
Fone (11) 3670-8205
Ed. Número 136 – Junho/Julho de 2023

Política

O Brasil não é "terra sem lei": PL das Fake News e o embate entre "big techs" e a democracia brasileira.....	4
Após 10 anos ainda permanecemos em junho de 2013	6
MST enfrenta estereótipos e preconceitos na grande mídia.....	8
A vivência da periferia: uma força vital para o Brasil.....	10
A Construção do Jornalismo Sistêmico	12



© Lídia Rodrigues

Ambiental

Precisamos falar sobre Greenwashing	15
---	----

Educação

Perspectiva das mudanças do Ensino Médio e do Vestibular.....	18
--	----

Ensaio fotográfico

Do café aos trilhos: a Luz é guia	16
---	----



© Getty Images

Saúde

Burnout: a síndrome que mais cresce entre os estudantes	20
Quem escuta os alunos surdos?.....	21

Moda



© Getty Images

Met Gala 2023: a moda como arte e revolução	22
--	----

Cultura e comportamento

MTV Brasil: o canal que moldou uma geração.....	24
--	----

Arte

Entre ruínas, testemunhos e projeções: a arte contemporânea como questionamento político	26
--	----

Esportes



© Reprodução/Paris Roubaix

Tour de France e os motivos para a baixa popularidade do ciclismo profissional no Brasil	30
Respeita as minas, mas nem tanto	32
Feminilidade como potência dentro das quatro linhas	34
Torcidas de autistas ganham espaço em estádios no Brasil.....	36

O Brasil não é “terra sem lei”: PL das Fake News e o embate entre “big techs” e a democracia brasileira

Relator do projeto e especialistas defendem a regulamentação, fiscalização e responsabilização das big techs, assim como acontece em outros setores da economia

© André Dahmer
Reprodução: Redes Sociais



Por Gabriella Maya, Giovanna Crescitelli e Rafaela Reis Serra

O Projeto de Lei (PL) 2630, popularmente conhecido como PL das *Fake News*, em tramitação há três anos, traz à tona a discussão da hegemonia das *big techs*. Está em debate no legislativo e judiciário brasileiro, a demarcação dos limites que essas empresas podem atingir devido a sua influência nas últimas eleições presidenciais e no processo democrático. Do mesmo modo, há uma demanda pela sua transparência e responsabilização sobre crimes cometidos nas redes sociais.

O relator do PL 2630, deputado federal Orlando Silva (PC do B), e o professor, historiador e coautor do livro *Colonialismo Digital*, Walter Lippold, discutiram em entrevistas exclusivas ao jornal **Contraponto** sobre o papel das grandes empresas de tecnologia e o projeto de lei, que tem como objetivo coibir o uso malicioso das redes sociais para a prática de crimes como incitação ao suicídio, automutilação e ações contra a democracia.

Após os ataques de 8 de janeiro em Brasília e as violências em escolas, o tema voltou à tona com força. A advogada Camila Leite, do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), especialista em temas relacionados à concorrência, direitos digitais e telecomunicações, afirma para o **Contraponto** que esses eventos impulsionaram a tramitação do Projeto de Lei, sem esquecer da aprovação da legislação europeia da Lei dos Serviços Digitais (do inglês, *Digital Services Act*, o DSA), outro fator determinante.

Segundo a advogada, essa regulação vem impedir a repetição de situações em que a internet continue sendo utilizada como terreno fértil para organização de atos violentos. E para isso, a regulação “cria um ‘dever de cuidado’, para as plataformas prestarem atenção em postagens relacionadas a conteúdos ilícitos, em especial ataques contra o estado democrático de direito, até em questões que afetam

crianças e adolescentes. É com isso que as plataformas têm essa maior responsabilidade”, explica Leite.

O que é e como funcionaria o PL das *Fake News*

A discussão sobre o PL 2630 destaca a importância de definir regras claras para as empresas de tecnologia e comunicação na luta contra as fake news e o compartilhamento de conteúdo ilegal.

A responsabilidade pelas ações criminosas ocorridas nas redes sociais é um dos pontos centrais desse debate, que busca equilibrar a liberdade de expressão e a segurança digital, responsabilizando as empresas por conteúdos difamatórios, caluniosos ou que causem danos à reputação de terceiros. A aprovação e implementação do PL podem trazer mudanças significativas no cenário das redes sociais no Brasil.

De acordo com as normas vigentes no Brasil, estabelecidas pelo Marco Civil da Internet (2014), as empresas de tecnologia (*big techs*) não são responsáveis pelo conteúdo gerado por usuários em suas plataformas. Sendo assim, as empresas são apenas obrigadas a remover conteúdos criminosos, após ordem judicial. Mas, caso o PL seja aprovado, as plataformas poderão ser responsabilizadas civilmente pela disseminação de conteúdos que se enquadrem em crimes já definidos pela legislação brasileira.

A advogada enfatiza que a situação atual é de plataformas decidindo unilateralmente as regras da internet, e com a regulamentação, haveria um complemento entre os termos de uso das empresas e regras mais claras, trazendo mais segurança jurídica de como deve ser um ambiente online saudável.

Contudo, enquanto alguns defendem ser necessário combater a propagação de desinformação, proteger a integridade de eventos como as eleições e também a integridade da democracia, outros argumentam que a lei possa representar uma ameaça à liberdade de expressão e abrir margem para censura.

Cabe ressaltar que os pontos discutidos no PL 2630 não são uma questão exclusiva do Brasil. Ao redor do mundo, diversos países discutem medidas para lidar com a propagação de informações falsas e o papel das grandes empresas de tecnologia na disseminação desses conteúdos. Essa nova abordagem do projeto foi inspirada na Lei dos Serviços Digitais (DSA), uma legislação mais severa recentemente adotada pela União Europeia.

O Deputado Federal Orlando Silva, do Partido Comunista do Brasil (PC do B), relator do Projeto de Lei 2630, relembra que as empresas do setor já ameaçaram retirar seus serviços em regiões que regulamentam suas redes sociais, como a Austrália e os países europeus regulados pelo DSA. Nestes casos as ameaças não se concretizaram e, para Orlando, elas “também não sairão do Brasil, um país de mercado grande e forte.”

Segundo o deputado, não é razoável permitir que as redes sociais sejam utilizadas como instrumentos de propagação de barbáries. Ele reforça que “o que é considerado crime pelo Código Penal também deve ser considerado crime quando praticado por meio da internet.”

Para o professor Walter Lippold, “vivemos um momento onde as corporações têm um poder mais desenvolvido do que durante o colonialismo, na época da Companhia das Índias [organização monopolista que controlou a exploração comercial dos continentes africano e americano no século XVII].”

“Basicamente, estamos falando que tudo o que você faz na internet, fica gravado”, afirma Lippold. Estes dados, processados em uma escala inimaginável para a mente humana, possibilitaram a previsão do comportamento de consumo e também a microsegmentação da entrega de conteúdo.

O lucro através da dependência

Ao combinar tecnologias como o *big data*, a ciência de dados e a microsegmentação, o marketing digital revolucionou ao desenvolver o micromarketing que permite uma segmentação precisa na entrega de anúncios para grupos específicos de pessoas por meio das redes sociais, destaca Lippold.

O impulsionamento de engajamento pago por criadores de conteúdo em redes sociais, como a Meta (proprietária do Facebook, Instagram e WhatsApp), endossam: garantir o lucro dessas empresas, ampliar o alcance das publicações para mais usuários e direcioná-las a grupos sociais com maior probabilidade de interagir com o conteúdo – com base em análises do *big data*.

Segundo o professor, os usuários são ensinados a enxergar essas empresas como benévolentes, mas na realidade elas lucram com a chamada "Economia da Tensão".

Essa estratégia consiste em criar disputas e aumentar as polarizações nas redes sociais, o que resulta em maior engajamento dos usuários e mais receita proveniente de anúncios pagos. Para as grandes empresas de tecnologia, o conteúdo dos anúncios tem pouca importância, sendo vendidos desde produtos e serviços informativos até ideias políticas, teorias da conspiração e notícias falsas, como explica Lippold.

Ingenuamente, como coloca o historiador, a sociedade se acostumou a usar os serviços gratuitos e de qualidade oferecidos por essas empresas multinacionais. Acarretando em uma dependência para realizar tarefas rotineiras e organizar grandes instituições públicas e privadas.

"Com a pandemia, o processo de mediação da vida e todas as suas facetas através da tecnologia digital foi acelerado (...) e nesse momento as big techs se tornam mais poderosas ainda no Brasil porque todo o parque de desenvolvimento tecnológico científico brasileiro está nas mãos do Google Suits for Education", afirma.

Lippold ressalta que a ameaça, por parte das Big Techs, em retirar estes recursos e serviços, evidencia a crescente dependência da sociedade em relação a elas, uma vez que passaram a ser responsáveis por organizar, acessar e armazenar boa parte da extração e do processamento de dados nesses ecossistemas digitais.

O professor também destaca que a recusa do Google em lançar o serviço do Bard – sua ferramenta para a democratização da inteligência artificial (IA) desenvolvida pela empresa – nos países europeus e Brasil, é uma forma de pressionar para evitar a regulamentação das mídias sociais.

Qual o futuro da PL?

Nas palavras do deputado: "Minha expectativa é que consigamos aprovarlo. Tenho dialogado com muitos deputados e deputadas, ouvindo, sanando dúvidas, colhido sugestões. Minha percepção é que vamos conseguir. Estou confiante." Entretanto, o projeto vem sendo alvo de adiamentos e já sofreu uma série de destrinchamentos em relação ao texto original.

Em relação ao adiamento da votação do PL, anunciado pelo presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira, o deputado Orlando Silva enfatizou que a urgência da questão já foi aprovada e que estão trabalhando para aperfeiçoar e votar o projeto o mais rápido possível. Ele destacou que a pressão faz parte da política e que têm recebido diversas sugestões desde a aprovação da urgência.

Questionado sobre o posicionamento da oposição, como o voto contrário à urgência da tramitação do PL, de deputadas como Carla Zambelli e Bia Kicis, ambas do Partido Liberal, o deputado Orlando Silva afirmou que não cabe a ele comentar o voto individual de cada parlamentar.

© Lula Marques/Agência Brasil



O deputado Orlando Silva, relator do projeto, em sessão da votação pela urgência da PL, em abril

Ele enfatizou que "o PL 2630 não é uma questão de governo e oposição, nem de esquerda ou direita – é uma lei necessária para o Brasil. Aliás, o mundo está debatendo esse tema, porque é uma questão central a ser enfrentada pelas democracias. O poder concentrado por essas empresas é enorme e, como acontece com todos os setores econômicos, precisa de regulação por parte dos Estados nacionais."

O deputado reforçou que toda forma de regulação requer uma estrutura responsável por fiscalizar o cumprimento da lei, mas destacou que ainda há debates em andamento sobre o formato e a natureza jurídica dessa estrutura.

Outro ponto indicado como facilitador da aprovação do PL das Fake News, é a adesão à ideia de autorregulação por parte das empresas de tecnologia para controlar a disseminação de notícias falsas. O deputado Orlando Silva ressaltou que a autorregulação existente se mostrou insuficiente.

O relator também explica que o PL propõe que as plataformas sejam consideradas corresponsáveis pelos danos causados por conteúdos impulsionados ou patrocinados, alterando o regime de responsabilidade civil. "Afinal, se ganham dinheiro para levar mais longe uma determinada mensagem, devem ser corresponsáveis pelos efeitos. Por outro lado, traz o dever de cuidado que elas deverão observar quanto a conteúdos ilegais que possam trazer riscos," diz.

Além disso, prevê que as empresas devem ter protocolos para moderar conteúdos ilegais que incentivem crimes contra o Estado democrático de direito.

Declarações da Google e do Telegram sobre o PL geraram polêmica. A Google, por meio de um banner em sua página inicial de pesquisa, afirmou que a possível aprovação do projeto seria um "ataque à democracia". Já o Telegram, por sua vez, disparou mensagens em suas redes sociais alegando que a aprovação do projeto poderia "aumentar a confusão sobre o que é verdade e mentira". Diante dessas declarações, o deputado Orlando Silva afirma que essas empresas abusam do poder econômico, chegando a considerar tal atitude como um possível ilícito civil.

Ele ressalta que há uma diferença entre participar e intervir democraticamente

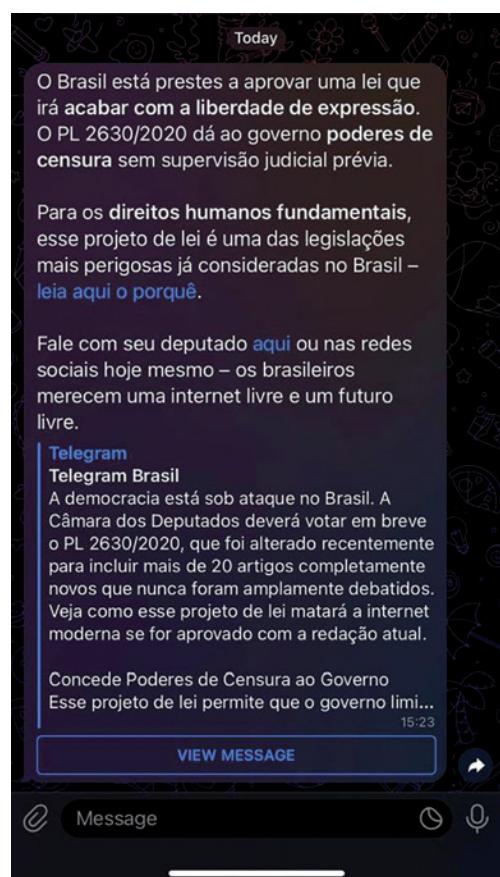
no debate político e usar a posição de mercado para contrariar os próprios termos de uso e impedir o Legislativo de legislar.

Para a advogada Camila Leite, com a nova regulamentação, as atitudes dessas empresas de pressionar o governo não serão mais frequentes. O que a regulação traz é uma alternativa a essas ações unilaterais de plataformas que influenciam no debate público e auto privilegiam suas posições em contraposição ao debate em geral.

"É justamente isso que o PL traz, não é proibir perspectivas diversas, é trazer mais transparência de como o conteúdo é direcionado às pessoas. Então pelo contrário, a regulação vem solucionar intervenções que têm sido feitas pelas plataformas", completa Camila.

O deputado acredita que as empresas de tecnologia devem compreender que a necessidade de regulação é real, e que ela ocorrer por meio do Legislativo é positivo, já que leva em consideração diversos setores da sociedade e distintas opiniões, diferente de quando o processo de regulamentação parte exclusivamente de uma discussão jurídica, cujo caráter técnico domina o debate.

A previsão é de que o Projeto de Lei seja votado até o final deste semestre. O maior ponto de divergência é sobre a criação de um órgão regulamentador para a fiscalização, ponto em que as empresas e alguns parlamentares são contra. É debatida a possibilidade da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) para tal função.



Mensagem do aplicativo Telegram, enviada para os usuários contra a aprovação da PL das Fake News

Após 10 anos ainda permanecemos em junho de 2013

As mobilizações contra o aumento da tarifa de ônibus que redefiniram o rumo do Brasil, ainda seguem em continuidade no contexto político-social de 2023

Por Beatriz Barboza, Gabriela Jacometto, Giuliana Zanin, Kawan Novais e Maria Clara Magalhães

"Verás que um filho teu não foge à luta"

Há exatos 10 anos, em junho de 2013, São Paulo tornava-se o epicentro de sucessivas manifestações que mudariam o cenário político nacional. O mês começava com o anúncio do aumento de 20 centavos na tarifa dos transportes coletivos da cidade. O Movimento Passe Livre, em resposta, no dia 6 de junho, convocou atos contrários ao reajuste decidido pelo então prefeito Fernando Haddad (PT) e pelo governador do estado, na época, Geraldo Alckmin (PSDB). As manifestações foram duramente repreendidas pela tropa de choque com uso de bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo e balas de borracha.

O quarto ato promovido pelo MPL, realizado em 13 de junho, terminou como o mais violento da série de protestos expandidos pela grande metrópole. Findado o protesto, totalizavam-se: 240 detidos, 137 feridos, sendo 7 jornalistas. Gabriela Biló, fotojornalista da Folha de São Paulo, declara em entrevista ao **Contraponto**, ter sido uma das vítimas: "fui uma jornalista que estava na cobertura e apanhei".

"Eu tive muito medo. Tenho pouquíssimas fotos desse dia porque, como eu usava um capacete escrito "imprensa", muitas pessoas vinham até mim para pedir ajuda, como se eu representasse alguém que pudesse ajudar", contou Biló. Vídeos que registraram a violência dos agentes viralizaram nas redes. A mobilização social crescia. O repúdio popular frente a atuação da Polícia Militar incentivou a tomada das ruas nos próximos dias.

O que antes começou como um movimento objetivo de resposta contra o acréscimo da taxa dos coletivos, logo tornou-se uma aglutinação de pautas difusas. O dia 17 de junho daquele ano foi marcado pelo fim da coesão de posicionamentos políticos. "Aqui estão todas as causas juntas para falar que o Brasil acordou e vamos continuar lutando", declarou uma manifestante da época. Os protestos não se concentravam mais em São Paulo. Minas Gerais, Rio de Janeiro e Brasília também tiveram suas ruas tomadas pela população.

Embora a taxação tenha sido revogada em seguida, no dia 18 de junho, as ruas paulistas permaneceram ocupadas, parte pelo MPL, que comemorava o objetivo concretizado, e parte por manifestantes vestidos de verde e amarelo que declaravam oposição ao então governo de Dilma



© Arquivo Fórum

Jornadas de Junho de 2013 reivindicaram revogação do aumento da tarifa de transportes coletivos

Rousseff (PT). Eis o momento em que a direita explicita sua infiltração nos atos. Organizações como Movimento "Brasil Livre", "Vem Pra Rua" e "Revoltados Online" ganharam força, todos que, anos mais tarde, apoiaram a derrubada de Dilma.

O dia de maior concentração popular viria adiante: mais de 1 milhão de pessoas participaram do protesto no dia 20 de junho de 2013. Ao todo, 388 cidades tiveram manifestações, incluindo 22 capitais. Em Brasília, cerca de 30 mil militantes se reuniram em frente ao Congresso Nacional e, após tentativas de invadirem a sede do governo, depredaram o Palácio do Itamaraty.

Novamente, a multiplicidade de pautas ilustrava os lemas do povo. "Depois de uma década no poder, as bandeiras vermelhas do PT já não pareciam mais espelhar os desejos da população, elas começaram a se tornar o alvo", narra a cineasta Petra Costa em seu documentário disponível na Netflix "Democracia em Vertigem", no exato trecho em que o vídeo exibe sujeitos incendiando o símbolo do partido.

Em março do mesmo ano, uma pesquisa da CNI/Ibope divulgou que a aprovação da então presidente era de 79%. Ainda naquele mês, Dilma usufruiu dessa realidade para arriscar e agir na contramão da conciliação que facilitou sua eleição. A ex-presidente exonerou cargos do PMDB e forçou os bancos a reduzirem as taxas de juros.

A governabilidade do PT é então afetada: a fragilidade econômica, gastos com a Copa do Mundo, início da Operação Lava-Jato e a investigação de membros parceiros do governo derrubaram a popularidade de Dilma. Ela caiu 27 pontos, segundo uma pesquisa do Datafolha, a maior queda registrada desde o início de sua gestão.

Os antipetistas, que usufruíram das Jornadas de Junho, não aceitaram a reeleição de Dilma em 2014. Aécio Neves, seu principal oponente, e o seu partido, PSDB, pediram a auditoria dos votos no dia seguinte à votação. A permanência do resultado levantou o brado dos tucanos: "Em breve, não seremos mais oposição, seremos governo", declarou Neves na 12ª Convenção Nacional do PSDB ao desesperar o desejo de Impeachment.

Com a queda global do valor das commodities, a ex-presidenta contrariou as promessas da campanha e implementou um programa de austeridade. Nesse mesmo momento, 4 milhões de pessoas voltam para a linha da pobreza, o desemprego atinge 8% da população e a aprovação da então presidente cai para 9%.

Em outubro de 2015, Dilma foi acusada de crime de responsabilidade por Pedaladas Fiscais. Supostamente, ela teria atrasado a entrega de recursos aos Bancos estatais e teria alterado o planejamento orçamentário em relação aos créditos decretados pelo Congresso. No dia 11 de abril de 2016, a Câmara dos Deputados deu início a votação que levou a sua destituição: 367 políticos votaram a favor do Impeachment. Sob pressão popular, o Congresso Nacional aceitou o pedido de Impeachment de Dilma Rousseff em dezembro de 2015.

Por uma luta maior

Um país construído por uma política majoritariamente masculina, desacostumado com mulheres em funções de poder, estaria sujeito a reproduzir o discurso histórico que inferioriza a presença feminina. Mesmo com a Lei nº 9.504/1997, que exige de cada partido ou coligação a reserva de 30% das vagas para mulheres, menos de

15% do parlamento era formado por essa parcela em 2010, ano em que o Brasil elegera sua primeira presidente.

"Se analisarmos manchetes de jornais, as capas de revista e artigos, sobretudo de direita, percebemos que o Governo Dilma foi marcado pela misoginia e pelo machismo", afirmou José Arbex Junior, professor de jornalismo na PUC-SP. "Quando ela foi impichada, muitos jornais saíram com a manchete 'tchau querida', uma óbvia alusão ao fato de ela ser mulher e ter ocupado pela primeira vez o cargo de presidente do Brasil", continuou Arbex.

A misoginia foi um elemento edificante do processo de impeachment contra Dilma. Muitas foram as estratégias adotadas pela oposição para desqualificar a ex-presidente. Por vezes, sua capacidade mental e intelectual foi posta à prova. "Louca", "burra", "prostituta" e "nojenta": os principais adjetivos que repetidas vezes seus opositores lhe atribuíram. Durante o processo de destituição, popularizou-se uma fake news que denunciava seu uso de medicação controlada e sua incapacidade de permanecer no cargo.

"Fui descrita como uma mulher dura, e sempre disse que era uma mulher dura no meio de homens meiguíssimos. Eu nunca vi ninguém acusar um homem de ser duro, e a gente sabe que eles são", disse a ex-presidente em interrogatório no Senado em agosto de 2016, acrescentando a construção de desumanização muito alto em torno dela.

"De um lado temos uma articulação da extrema direita que é misógina, fascista e odiava o fato de Dilma ter chegado à presidência, e do outro, temos os erros do Governo Dilma. Mas, nenhum desses erros pode justificar a maneira como ela foi atacada, hostilizada e todos os preconceitos contra ela", destaca Arbex.

PT cai e extrema direita ascende

A dimensão atingida pelas Jornadas de Junho e o antipetismo se consolidando nas ruas e no Congresso Nacional abriu caminhos para a ascensão de uma direita autoritária. "Isso não isenta a Dilma de críticas, porque de fato ela cometeu muitos erros. De um lado, temos o tradicional machismo brasileiro contra a presidente, mas do outro lado, o Governo Dilma abriu muitas avenidas para que surgissem ataques de todos os lados por parte da extrema direita", afirmou o professor.

O descrédito popular e o tumulto nas redes sociais concentraram o desejo de tirar o PT do ambiente político em uma figura: Jair Messias Bolsonaro. "Quando ele faz a sua dedicação lamentável, repugnante, asquerosa ao torturador Brilhante Ustra, ele está apenas sendo porta voz de um sentimento que é tradicional na cultura brasileira: patriarcal, machista, homofóbico e tudo aquilo que já sabemos que existe nesse país", explica Arbex.

A direita ascendente não só representava oposição às políticas afirmativas do

Partido dos Trabalhadores, mas desqualificava também a discussão sobre raça, gênero e sexualidade, que ocuparam importante local de debate nesse período.

A repórter Carol Pires, da revista Piauí traçou o perfil da ideologia bolsonarista que ganhava espaço na política nacional no podcast "Retrato Narrado". Sua fama relaciona-se com a hipervalorização do militarismo, a promoção de discursos tradicionalistas e associação ao neopentecostalismo. É nessa reconstrução social adotada pelo PT que o lema "Deus, Pátria e Família", sustentado por Bolsonaro atrai a parcela conservadora

Arbex destaca que a ascensão da extrema direita foi um processo mundial que se iniciou com a Crise do Capital em 2007 e promoveu o desemprego exponencial, a recessão e a paralisação econômica. "Esse contexto provocou um deslocamento político de setores da classe média no Brasil e no mundo. Com medo do desemprego, do futuro, frustrados e inseguros começaram a ouvir e dar mais espaço aos setores da extrema direita, que souberam manipular muito bem esse sentimento com o auxílio da mídia e das redes sociais na criação de fake news e de bolhas".

As eleições de 2018 marcam a verdadeira tomada da extrema-direita no Brasil. O cenário de polarização é claro: os candidatos Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (sem partido) lideram as estatísticas. O representante conservador leva uma facada durante a campanha em Minas Gerais. Seus seguidores criaram uma narrativa messiânica que o coloca como "Salvador da Pátria", responsável pelo recomeço do país. Mas, essa história não é comprada por todo o povo e muitos tomam as ruas em defesa da sua verdade.

"Movimentos sociais, movimentos de rua e as manifestações em geral são a base de tudo: nada acontece na política sem ter o apelo social. No final, os políticos dependem de votos, somos nós que os colocamos lá. Qualquer medida muito impopular reflete na eleição. Nós estamos muito mais perto do poder do que é pintado", explica Biló.

A Avenida Paulista era ocupada, novamente, pela população. Dessa vez, as reivindicações diversas eram declaradas: o nacionalismo exposto em camisetas reverberava de um lado, enquanto do outro, bandeiras escritas "Ele não" eram esticadas ao longo dos espaços públicos. O grito regressista torna-se predominante no país. O povo brasileiro, cego por um "mito", elege Jair Bolsonaro.

As manifestações não acabam!

Mesmo com cerca de 400 mil mortos no Brasil, no auge da pandemia da Covid-19, manifestações em prol de Bolsonaro tomam as ruas de Brasília com a participação do então presidente. Vestidos de verde e amarelo, muitos dispensaram o uso de máscara e desrespeitaram o distanciamento indicado pelo Ministério da Saúde. Suas pautas antidemocráticas defendiam a "intervenção militar" e o fechamento do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Congresso Nacional.

Em contraponto, opositores de Bolsonaro, insatisfeitos com a administração pública, promoveram manifestações por meio de um panelão realizado em diferentes estados brasileiros. Atos em defesa à democracia foram realizados na alameda do MASP. Grupos antirracistas, estudantes e torcidas organizadas dos principais clubes paulistas de futebol se concentraram no centro da cidade com faixas escritas "Fora Bolsonaro" e gritos de "Democracia". Assim como em junho de 2013, os manifestantes entraram em um confronto com a polícia local.

Nos anos seguintes, os objetivos do bolsonarismo permaneceram os mesmos. Um marco simbólico foi declarado no dia 7 de setembro de 2021: a data comemorativa da independência brasileira foi ressignificada pela tentativa de supressão do poder do STF. No último mandato do ex-presidente, às vésperas das eleições, o povo brasileiro dividia-se entre atos em defesa à democracia e manifestações pedindo intervenção militar no governo devido o resultado das urnas.

Passados 10 anos, as Jornadas de Junho custaram mais do que reivindicavam. A união de pautas abundantes esvaziou o significado de "união". As manifestações, fundadas na materialização do ato democrático, converteram-se em uma ameaça ao pilar da democracia. A bandeira nacional é carregada com orgulho por uns e evitada por outros. A luta também é por significados. Uma pauta é contexto, história e atuação daqueles que vieram antes. Renovou-se o contexto político, mas ainda estamos em junho.



Manifestações
pró-bolsonaro na
Avenida Paulista
em 2021

© Agência Brasil

MST enfrenta estereótipos e preconceitos na grande mídia

Mesmo com apoio do atual governo, movimento segue sendo investigado e retratado negativamente

Por Eduarda Teixeira Basso
e Stefany Santos

OMovimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é tema central de debate nos principais meios de comunicação do país. Esse destaque ocorre tanto pela criação da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) pelo presidente da Câmara, Arthur Lira, quanto pela crescente insatisfação do movimento com a lentidão do governo em apresentar planos de reforma agrária.

Criado em 9 de julho de 1970, na época da ditadura militar, o MST busca conquistar a reforma agrária a partir da organização de trabalhadores rurais. Por meio das ocupações em terrenos improdutivos, espaços que não vêm sendo utilizados para sua finalidade, construindo uma comunidade que produz alimentos orgânicos, emprega famílias e tem uma agricultura ausente de trabalho análogo a escravidão.

Dentro desses preceitos legais, está o Instituto Nacional de Colonização (Incra), o qual também compartilha dos mesmos objetivos do MST: desapropriação de propriedades e redistribuição para famílias e trabalhadores rurais. A dinâmica entre os dois polos se configura da seguinte forma: o MST se mobiliza para reivindicação da reforma agrária, ou seja, exerce pressão no

Incra. Não existe nenhuma redistribuição de terras feita somente pelo movimento rural, porque todas passam pela revisão do instituto.

Mesmo diante de um governo que apoia o ativismo político, ocorre uma grande oposição no congresso. Em abril deste ano, Arthur Lira, presidente da Câmara dos Deputados, fez o requerimento para criação da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) do MST. A ação foi planejada por apoiadores do ex-presidente Bolsonaro e da bancada ruralista, com o propósito de punir e criminalizar o movimento.

As acusações principais são de invasões de propriedades, quando, na realidade, o movimento apenas realiza uma ocupação. Essa ação, inclusive, é prevista por lei, porque segundo o artigo 5º da Constituição Federal, "os proprietários das terras devem atender a necessidade social, se isso não ocorrer vira uma desapropriação de terra que passará a pertencer ao INCRA."

Governo Bolsonaro

O ex-presidente Jair Bolsonaro, desde sua candidatura em 2018, sustenta um discurso contrário à reforma agrária. Nos primeiros meses do mandato, o Incra paralisou suas atividades devido à redução de gastos públicos em 2019 e a suspensão

da política da reforma agrária. O então presidente, em novembro de 2020, exonerou e dispensou os funcionários com o decreto 10.252, o qual deixou o instituto sem cargos e funções.

A candidatura de Bolsonaro não pautou a agricultura familiar, justamente porque seu foco estava nos grandes produtores que apoiaram sua campanha de reeleição em 2022. O MST não tem como meta exportações, mas sim a venda dentro do país, além de promover um plantio que não utiliza agrotóxico e valoriza pequenos produtores.

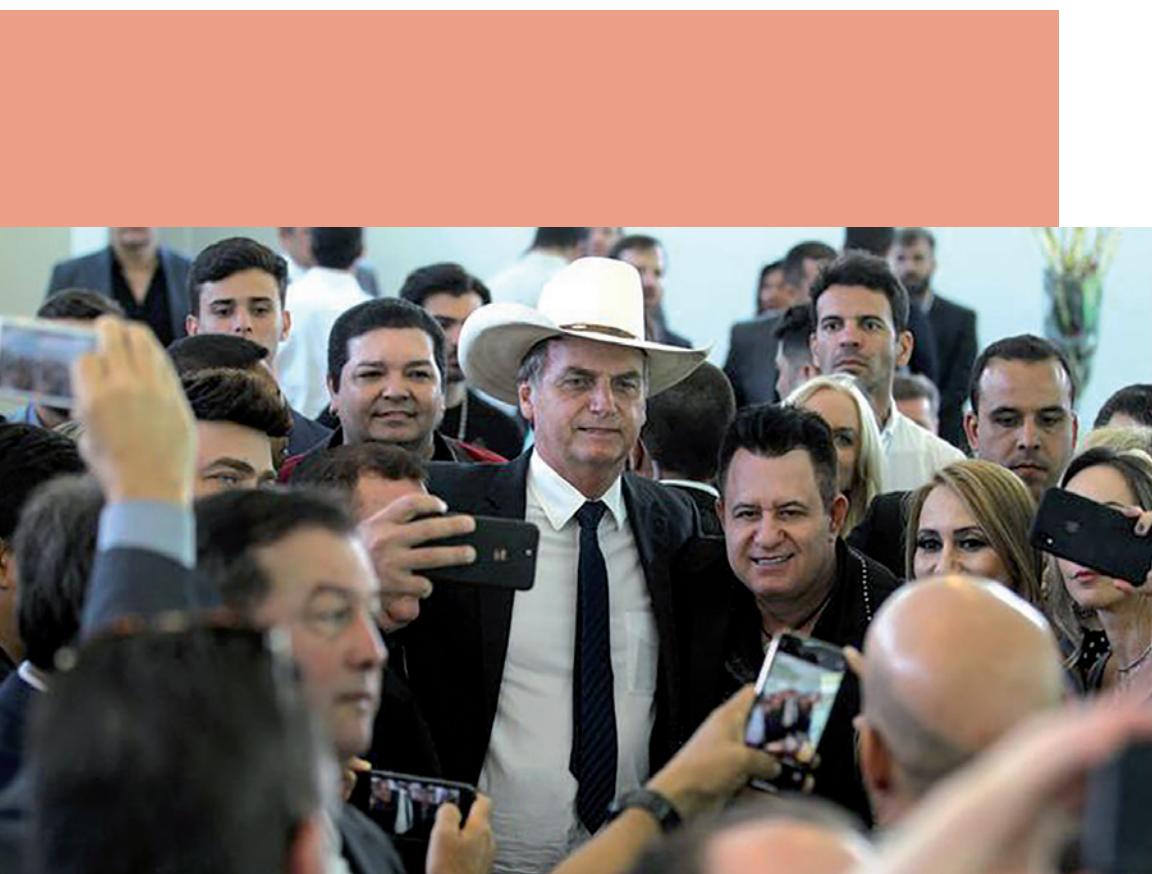
Segundo pesquisa da Agência Pública em 2020, o Brasil é um dos maiores compradores de agroquímicos. O país é o segundo na lista de maiores compradores de produtos que, apesar de proibidos em território europeu, ainda são vendidos por esses mesmos países. O uso de agrotóxicos em solo brasileiro é apoiado justamente pelo congresso ruralista, o que faz da luta do MST contra essa pauta um obstáculo.

A posição de Bolsonaro sobre o movimento foi clara no debate eleitoral em outubro de 2022 transmitido pela emissora Record: "O MST está tendo dificuldade de se reorganizar. Tiramos a força do MST. No governo do Fernando Henrique houve uma invasão de terra por dia, no governo Lula 20 invasões por mês, e no meu governo uma por ano."

Em entrevista ao Contraponto, o agrônomo concursado do Incra – Francisco Marotti – afirmou: "Eu acho que a mídia no geral acompanha muito o lado que o governo está. Se ela é uma mídia mais conservadora, passa a ser uma mídia mais neutra, ou um pouco mais progressista".

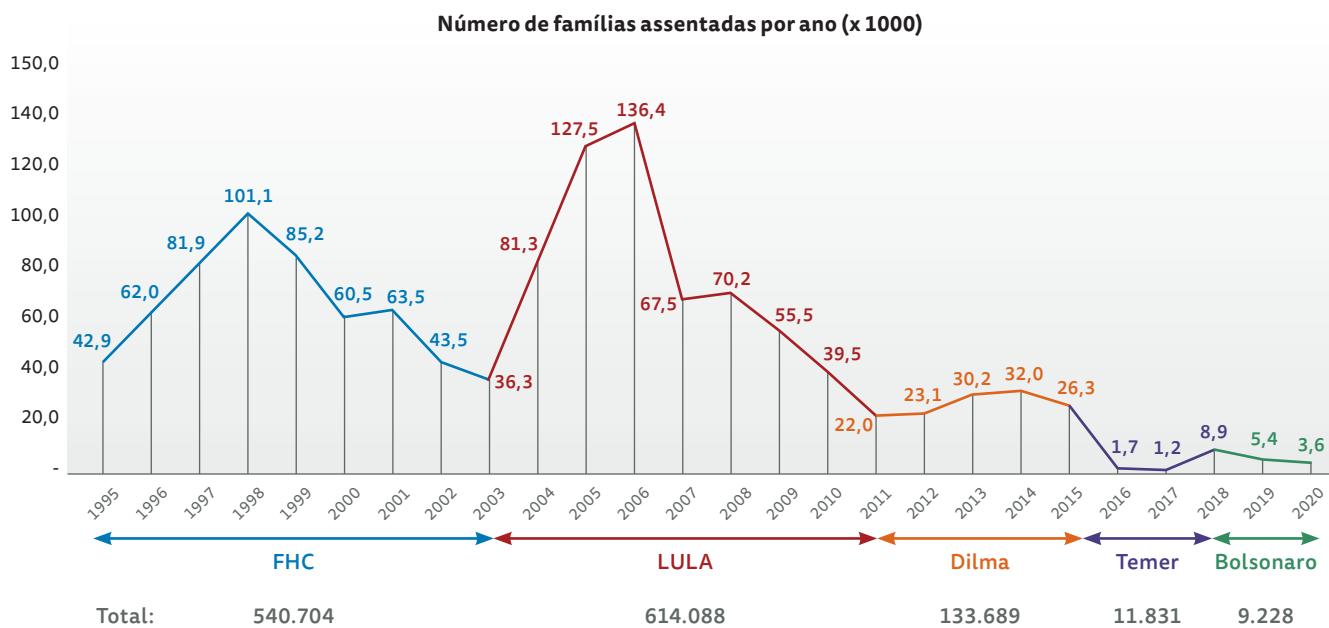
No governo Bolsonaro não houve apoio, investimento e visibilidade ao movimento dos trabalhadores. Além de famílias serem expulsas das terras improdutivas. Já com Lula de volta à presidência, o governo retoma políticas públicas de agricultura familiar.

Segundo o atual policial militar, Cabo Venturini, "A ideia de ter pessoas juntas para lutar por um interesse coletivo é importante, mas deve-se seguir o modelo constitucional". Venturini relatou sobre a necessidade do movimento se atentar para não infringir as leis. Pois, explicou como já existem vários mecanismos legais pela luta dos direitos coletivos. Ele também é ex-candidato a vereador de Carapicuíba pelo Partido Social Liberal (PSL), ex-partido de Jair Bolsonaro nas eleições de 2020.



©José Cruz/Agência Brasil

O ex-presidente em Santa Catarina, na partida de futebol entre famosos



O Gráfico exibe assentamentos realizados de 1995 a 2020

Governo Lula

O governo Lula, em comparação com o de Bolsonaro, é classificado com ideologias de esquerda, devido aos princípios de políticas voltadas para movimentos sociais, como a dos trabalhadores sem-terra. Assim, suas lutas e conquistas são mais representadas, em contraponto a governos conservadores.

Matheus Alves, participante do setor de comunicação do MST em Minas Gerais, mencionou sobre essa diferença de apoio governamental: "A gente vê no governo Lula essas possibilidades de diálogo, essa possibilidade de mudança. O que o governo passado não permitia, o novo traz isso como perspectiva"

No dia 13 de abril, ao participar da posse da ex-presidenta Dilma Rousseff como diretora do banco BRICS, Lula levou ao seu lado João Pedro Stédile, economista, fundador e militante do MST, no evento em Xangai. Com esse gesto, o presidente acena para o movimento e dá destaque para suas conquistas, como o fato do MST ser o maior produtor de arroz orgânico da América Latina.

O assunto gerou discussão. Mas, apesar da população concordar ou não com a visita de Stédile, a temática da produção de arroz foi uma pauta de extrema relevância nas mídias. Esse tipo de ação acaba dando maior visibilidade para as conquistas do grupo político.

Houve também um evento que trouxe mais foco ao movimento. A presença do vice-presidente, Geraldo Alckmin, na feira do MST no dia 12 de maio, na Zona Oeste de São Paulo. A visita teve o intuito de erradicar a concepção de que o MST está atrelado somente ao Partido dos Trabalhadores (PT). Como vários jornais cobriram a aparição do político, a feira também foi apresentada para o grande público.

Outro feito por parte desse governo foi a liberação de rádios comunitárias

para os Trabalhadores Rurais sem Terra. Os veículos serão usados para divulgar os desempenhos do grupo e para comunicação entre assentamentos.

Contando que esse meio de comunicação é um dos principais do Brasil, essa ação tem extrema importância para a divulgação do movimento, abrindo espaço para crescimento. Para o MST, que já possui redes sociais, sites e jornais, a rádio se tornará outra forma de conversar com o público, principalmente com aqueles mais afastados e sem acesso à internet.

Matheus comenta sobre esse tratamento midiático do grupo: "O MST vem construindo essa política de comunicação junto ao governo: a democratização da mídia. O acesso a todos e todas, com um meio de comunicação que coincide

com a verdade, e não um oligopólio hegemônico com as conhecidas mensagens pré-fabricadas."

Em 2010, uma pesquisa feita pelo coletivo Intervozes investigou a cobertura da mídia sobre o MST durante a CPMI do mesmo ano. O relatório, "Vozes Silenciadas", notou que quase 60% das matérias usavam termos negativos para se referir ao grupo. Ainda observou o uso predominante do termo "invasão" e suas outras derivações nos seus textos.

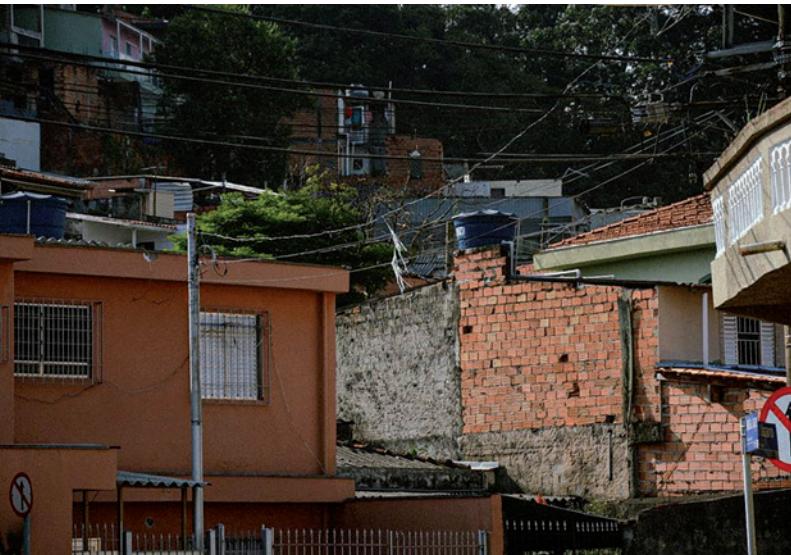
Levando em consideração interesses econômicos do país, os quais não necessariamente são exclusivos dos governos de direita, esquerda ou centro, existe um motivo para a falta de apoio ao MST: o movimento vai contra pilares econômicos de política externa, tanto de exportação como de importação.



O presidente em Recife no assentamento Che Guevara

A vivência da periferia: uma força vital para o Brasil

Como a mídia esvazia a grandeza cultural das comunidades periféricas



© Lídia Rodrigues

Por Lídia Rodrigues de Castro Alves

As periferias brasileiras abrigam uma parcela significativa da população do país, só no estado de São Paulo, cerca de 3,4 milhões de pessoas, o equivalente a 7,7% da população, moram em favelas, mostra estudo do Data Favela, realizado em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-SP). Atualmente, são 796 na zona sul, 373 na norte, na leste 372, 91 na Oeste e 4 no Centro, dados apresentados em pesquisa do Movimento "Cidade Escola Aprendiz".

Embora expressiva, a quantidade não muda o fato de que as periferias sempre foram invisibilizadas pela mídia tradicional, a não ser que seja para noticiar tiroteios ou invasões policiais, tornam-se inexistentes. Essa falta de representatividade e cobertura adequada impede que as vozes e experiências dessas comunidades sejam ouvidas e compreendidas em sua plenitude. A vivência das periferias é e sempre foi importante para a formação e desenvolvimento do Brasil como nação.

A mídia desempenha um papel crucial na construção da realidade social. No entanto, muitas vezes, a cobertura midiática concentra-se nas áreas centrais e privilegiadas das cidades, negligenciando as periferias e seu cotidiano. Isso contribui para a perpetuação de estereótipos negativos e para a falta de compreensão sobre as dinâmicas e a diversidade das comunidades periféricas. Outro exemplo da manipulação das narrativas é que no imaginário da maioria das pessoas, o Rio de Janeiro tem mais favela que São Paulo, o que não se é verdade. O território paulistano tem 2.087 favelas, o equivalente a 33% das favelas nacionais, e o Rio tem 1.332 (21%).

Esquina,
Vila Ede

"Pô, eu vivo na periferia, jogo bola desde pequeno no meio da rua e ninguém nunca me deu um tiro ou roubou minha bola. Essa que aparece na televisão não é a minha quebrada, aqui a gente é parceiro, vivemos tudo na mesma sintonia, das tretas até o sorriso do menor da casa do lado, a gente sabe fazer arte, é que a gente muitas vezes não tem lugar na cena, tá ligado?", diz menino de 14 anos que não quis ser identificado, em entrevista para o **Contraponto**.

A invisibilidade midiática das periferias implica em um apagamento das suas vivências, conquistas e lutas diárias. As histórias de superação, a criatividade, o empreendedorismo e a resiliência presentes nesses locais raramente ganham espaço nas telas e páginas dos veículos de comunicação. Esse quadro reforça a marginalização dessas comunidades, impedindo que suas vozes sejam ouvidas e reconhecidas.

É fundamental compreender que a vida dos subúrbios é essencial para a formação do país. São espaços de resistência, que carregam uma cultura pulsante e vibrante, permeada por expressões artísticas, manifestações culturais e movimentos sociais. As periferias são fontes inesgotáveis de criatividade e contribuem significativamente na identidade brasileira, as crianças jogando bola na rua, o moço que vende Yakult no carrinho, o caminhão da fruta, o bicicleteiro e os varais na laje são elementos que na maioria das vezes estão presentes e reforçam pequenos detalhes da grandeza da cultura periférica.

"Essa avenida aqui fica cheia de criança quando eu faço hot dog de domingo, agora to montando uma máquina de caldo de cana pro dia do pastel, você vai ver, isso aqui lota, outro dia foram 300 pessoas, eles amam as bicicletas", conta Magrão, o bicicleteiro mais famoso do bairro, que mantém a bicicletaria há mais de 30 anos, na companhia de Negão, o papagaio que só fala japonês. "Eu mesmo ajudei ele quando machucou o olho, mas agora ele tá bem, é um papagaio pirata mas ainda tem o mesmo charme de antes"

Também é importante lembrar que, é nas periferias que se encontram diferentes manifestações culturais, como o rap, o funk, o grafite, a dança de rua e tantas outras

expressões artísticas que transcendem fronteiras e rompem barreiras sociais. Essa riqueza cultural que deve ser valorizada e difundida para além dos limites geográficos.

São espaços de mobilização política e social. Movimentos comunitários e organizações locais surgem para enfrentar desafios e buscar soluções para os problemas enfrentados por essas comunidades. É nas periferias que se desenvolvem estratégias de sobrevivência e resistência, se formam líderes e se constroem alternativas para a transformação social. É necessário dar voz às histórias e experiências dessas comunidades, desafiando os estereótipos e proporcionando uma visão mais abrangente e precisa do Brasil.

Ao ouvirmos e compartilharmos as narrativas das periferias, abrimos caminhos para a construção de um país mais justo, artístico, igualitário e solidário. O problema não está na favela, o problema está no sistema que os isolou e explorou. Valorizar as vivências dessas pessoas é reconhecer a importância dessas comunidades na formação do Brasil e garantir que todas as vozes tenham o direito de serem ouvidas e respeitadas.

© Lídia Rodrigues



Vô Rafa

© Lídia Rodrigues



Vô Dália



João Pedro, 11 anos. Jd Imperador, Zona Leste



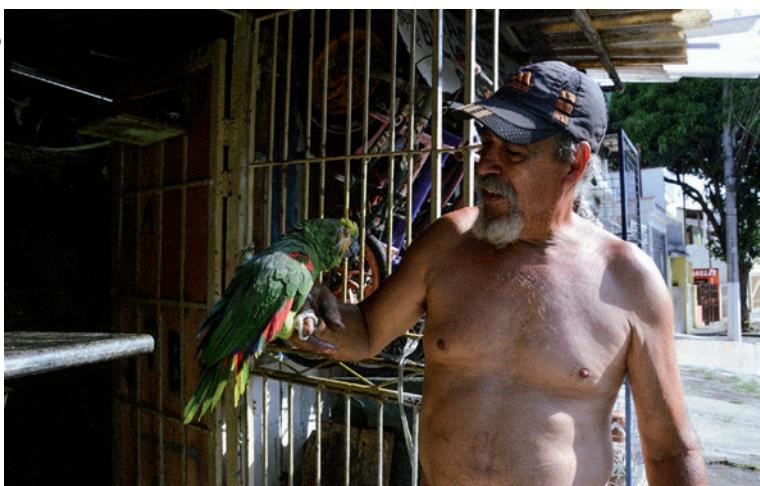
Meninos jogando bola, Zona Leste



Geraldo, 70 anos



Percursos



Negão e Magrão, Zona Norte



Pirata



Caminhão do ovo



Varal na laje, Zona Leste

A Construção do Jornalismo Sistêmico

Evento tradicional do curso de jornalismo foi marcado por temas originais pouco discutidos na imprensa

Por Artur dos Santos, Annanda Deusdará e Rafaela Reis Serra

A 45ª Semana de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) ocorreu entre os dias 29 de maio a 2 de junho com o tema “Para Além do Transmídia: A Construção do Jornalismo Sistêmico”, organizada pelo Centro Acadêmico Benevides Paixão (Benê) e pelos demais alunos do curso.

A Semana foi extremamente diversa: mesas que abordaram cobertura religiosa pela mídia, a geopolítica, streaming de casos reais, cobertura de esportes para além do futebol, podcast, periodistas mulheres abordando o futebol, dados e fact-checking, jornalismo independente, educação inclusiva, jornalismo digital e assessoria e jornalismo literário. Também ocorreram as oficinas, cujo objetivo foi apresentar a praticidade da área, com isso, reuniu atividades sobre charge, em que os alunos puderam colocar em prática sua criatividade; o Cine Debate sobre o filme Corações e Mentes (dir: Peter Davis, 1974) e por último a atividade de exercícios de voz e dicas de gravação.

O evento acontece desde a fundação do curso de jornalismo na Universidade e é de extrema importância e o mais fundamental para a faculdade, pois os debates vão além da teoria ensinada na sala de aula e os alunos podem conhecer as vivências dos profissionais de áreas em que eles almejam, além de interagir com os debatedores, fazendo perguntas propícias aos temas trabalhados.

Jornalismo e cobertura de religião

“O evangélico médio não se enxerga nessa matéria”

A mesa de Jornalismo e cobertura de religião abriu, na segunda-feira (29) a 45º Semana de Jornalismo. Os periodistas Ana Trigo (columnista Observatório do Meio Evangélico), Gilberto Nascimento (autor de “O Reino: a história de Edir Macedo e uma Radiografia da Igreja Universal” e repórter do Intercept Brasil) e Anna Virginia Balloussier, trouxeram experiências e visões sobre como a imprensa noticia casos envolvendo religiões, mostrando acertos e erros dos profissionais, incluindo o cuidado para não as estereotipar.

A repórter especial de Religião da Folha de São Paulo, Anna Virginia Balloussier, explicou que as matérias relacionadas a religiosidade ainda têm ligação com a criminalidade por terem começado nas delegacias e sido incorporadas às editorias policiais.

A ascensão de evangélicos no país, tanto em proporção quanto em poder de influência, forçou a mídia a olhar para essa parcela da população. Ainda assim, a cobertura é deficitária pois trabalha apenas no nicho de religiosos conservadores, vendendo para o público que todos do segmento têm a mesma postura que, segundo os jornalistas presentes na palestra, é irreal. Os convidados reiteraram que esse tipo de reportagem faz com que o grupo se sinta deslocado em ambientes acadêmicos e pela imprensa.

A intensificação das notícias desse gênero se iniciou em 2018: o foco eram as discussões ideológicas exercidas e atualmente este foi alterado para o ramo político, dando maior atenção a evangélicos progressistas.



A mesa sobre a cobertura religiosa na mídia, mediada pelo professor do curso, Urbano Nojosa

Uma das formas levantadas pelos jornalistas para combater a estereotipação foi o aumento da diversidade dentro das redações para que ela possa se tornar menos preconceituosa. Outra iniciativa é evitar a inserção de rótulos que, apesar de facilitar o trabalho jornalístico, pode criar uma imagem negativa de certos religiosos. Ao vender essa imagem ao público, os profissionais correm o risco de colaborar com a intolerância religiosa no Brasil. Os convidados reiteraram aos estudantes que é obrigação dos comunicadores evitar injustiças.

Jornalismo Geopolítico

“Quanto mais perto do fato, melhor será sua matéria”

Nesta mesa, a jornalista Marsílea Gombata conta como a cobertura da mídia na América Latina é falha e destaca para os futuros profissionais que invistam na cobertura dessa região, visto que ela será sempre importante por sua proximidade geográfica com o Brasil.

Ela conta que é importante fazer varreduras dos veículos de informação locais

para conseguir algo que interesse para os leitores brasileiros. A jornalista discorreu sobre as dificuldades de conseguir fontes em tempos polarizados como esta região está vivendo. Destacou que o jornalismo não é ativismo, mas um serviço. Não se deve deixar claro qual é a torcida do repórter ao cobrir determinado evento.

A especialista em cobertura latina também deu dicas aos estudantes, disse que é necessário batalhar pela reportagem, porque é difícil conseguir viagens para cobrir eventos. Quanto às fontes, explicitou a importância de conversar com pessoas do país que você está escrevendo, pois elas estão dispostas a contar suas histórias.

Streaming: Casos Reais – True Crime

“Cobrir violência é cobrir política, é necessário saber da história do seu país para fazer o True Crime”

Os convidados Thaís Nunes, Lucas Martins (Bandeirantes), Ilana Casoy (criminóloga) e Beatriz Trevisan (produtora), contaram sua experiência em True Crime e Jornalismo Policial, além da causa do aumento sobre o interesse neste gênero e aproveitaram para dar dicas aos estudantes que querem entrar neste meio.

Sobre a crescente procura deste assunto, declararam que o tema estimula a curiosidade sem que haja risco para o telespectador. Outros fatores que ajudam o conteúdo a fazer sucesso atualmente é a mistura da realidade com elementos da dramaturgia, como personagens, trilha sonora e divisão da narrativa em capítulos.

Os jornalistas têm como papel acompanhar a história; na hora de escolher o que será contado, é preciso pensar também nas reflexões acerca da sociedade que podem ser trabalhadas a partir do crime apresentado. Além do fato ocorrido, é necessário ouvir o acusado e transmitir para o público os sentimentos que movesram a transgressão.

Também foi levantada pelos convidados a preocupação de que os futuros profissionais trabalhem com verdades processuais, se atentem às fontes em especial as primárias - que definirão o rumo do relato -, e que tomem cuidado para não transformar o crime em um espetáculo, para que não tornem bandidos em pessoas prestigiadas e nem massacrem indivíduos inocentes através do poder da mídia.

Outra dica para se tornar um bom jornalista no gênero True Crime é lembrar que

existe uma relação de interesse entre o profissional e a fonte, então é necessário estar sempre desconfiado e diversificá-las para não ser enganado.

No final do bate papo, os convidados destacaram que o essencial para seguir nesse ramo é coragem e disposição. Coragem para buscar boas histórias e fazê-las acontecerem, e disposição para ouvir os relatos, ler os processos e fazer uma boa apuração.



A mesa sobre streaming e True Crime, mediada pelo professor do curso, Marcos Cripa

Então você quer falar de charges?

"Uma charge é um soco"

A oficina de Charges feita pela cartunista, chargista e ilustradora, Cecília Marins, e mediada pelo professor Valdir Mengardo, tratou da posição de cartunistas dentro de uma redação, dos processos de criação e de reportagens ilustradas em quadrinhos.

Marins, conhecida nas redes sociais por Cecília Tangerina, mostrou seu primeiro trabalho de ilustradora, expresso em seu Trabalho de Conclusão de Curso na Cásper Líbero. Segundo a cartunista, ela se "especializa em fazer arte informativa". Como ilustradora, trabalhou no documentário AmarElo de Emicida, ilustrou algumas reportagens na Intercept Brasil, entre outros veículos.

Ela demonstrou seu processo de criação dividindo-o em três partes: Referência, Processo de Criação e Confiabilidade e Processo. Para Tangerina, "uma charge é um soco" e o "seu traço é uma solução". Ao final da mesa, os estudantes foram convidados a fazer uma charge do episódio do Roda Viva com a Glória Maria.

Além do futebol

"Se você tem o fator humano, você tem história. Se tem história, o jornalista pode contar"

A mesa "Além do Futebol" teve como convidados Antony Curti (ESPN), Ubiratan Leal (ESPN), Giovana Pinheiro (Globo), Reginaldo Leme e Danilo Lacalle (Rede TV), que trataram da cobertura de esportes que não o futebol.



Mesa Além do Futebol, mediada pelo professor do curso, José Paulo Florenzano

Dentro de um cenário em que a cobertura do futebol é hegemônica, Giovana Pinheiro, atual produtora de esportes olímpicos na Globo, relatou o processo de criação e da cobertura *in loco* desses esportes na sua antiga agência de notícias, Olimpíada Todo Dia. A jornalista conseguiu criar e cobrir as olimpíadas "montando e acompanhando as programações na raça".

Ubiratan Leal relatou o sumiço de noticiários de esporte nos canais, substituídos pelas "mesas redondas". "O público brasileiro gosta de ver debate. Na Argentina, por exemplo, o público quer notícia".

Para os convidados, o aspecto humano é fundamental, mesmo quando a cobertura é sobre pessoas que "usam capacetes e entram em uma máquina", como relata Ubiratan sobre a cobertura de corridas automotivas.

Jornalismo e Podcast

"O mundo é inacreditável, a gente precisa estar poroso e sensível para as histórias"

Os palestrantes da mesa Renan Sukevicius (Band News), Gustavo Simon (Folha de SP) e Chico Felitti, contaram os pontos positivos e negativos do gênero e deram dicas para os estudantes que pretendem ingressar no ramo dos podcasts.

O radialista Renan Sukevicius tratou da influência que o programa Praia dos Ossos teve no gênero. Afirmou que, junto à Pandemia da Covid-19, foi um dos fatores que "passaram uma peneira" na criação e produção de programas. Chico Felitti criticou essa influência que a Rádio Novelo e a Praia dos Ossos tiveram na produção de podcasts: "nem todo mundo é herdeiro de banco". Com o grande investimento nesses programas, os ouvintes perceberam que podem receber um conteúdo mais rebuscado, entretanto isso não é a realidade da maioria dos jornalistas que não são remunerados o suficiente, inclusive não recebem por play nas plataformas. Em contrapartida, o que tem feito mais sucesso são os conteúdos mais simples.

Os produtores falaram que as melhores histórias são aquelas que tem um pano de fundo social, que possa levar os ouvintes a refletirem. Para encontrá-las, disseram que é necessário estar atento ao que acontece ao seu redor.

Em relação a dicas técnicas, o podcast precisa seguir os ritos jornalísticos, o que significa fazer uma boa pauta, edição e escolha dos entrevistados.

Entre os benefícios de se trabalhar com a modalidade, destacaram a possibilidade de trazer maior contexto, direcionar o entendimento, trazer maior proximidade com as pessoas, atingir diversos públicos devido a estar em plataformas gratuitas.

Os convidados também deram dicas de como começar a produzir, disseram que facilita pensar em uma temporada pequena, se inspirar em podcasts de sucesso e fazer perguntas de direcionamento como: "por que esse projeto precisa existir?", "quais recursos de áudio eu tenho?" e "quem ele vai atender?".

No final da palestra advertiram que é necessário criar um universo a partir do seu podcast e adquirir uma comunidade de assinantes, visto que elas ajudam a financiar o projeto através de financiamentos coletivos.

Mulheres no futebol

"Agora estamos reivindicando este lugar, de protagonismo, de ser de fato uma brasileira que vive o futebol"

Este ano, houve um direcionamento diferente do esporte: as duas mesas sobre o tema, uma tratava de esporte além do futebol e a outra sobre mulheres jornalistas cobrindo o desporto mais popular do Brasil. A mesa foi composta por Aira Bonfim (historiadora do esporte), Jordana Araújo (Rádio BandNews), Mariana Pereira (ESPN) e Mariana Spinelli (ESPN) e mediada por uma aluna do curso de jornalismo.

As convidadas contaram de suas experiências no esporte, o machismo que lutaram e ainda lutam diariamente e a tentativa de poder incluir o futebol feminino nas pautas dos jornais. Todas elas já cobriram o futebol feminino.

Bonfim pautou o histórico das mulheres no desporto, sobre a proibição de 40 anos pelo governo Vargas de forma interativa e como isso reflete hoje em dia. "A história também é feita de ausências".



Mesa sobre a cobertura do Futebol Feminino, mediada pela aluna quartenista, Rafaela Reis Serra

Pereira é ex-aluna da PUC-SP e disse que na época de sua graduação, era a única mulher a querer cobrir futebol da sua turma. "Somos mais fortes juntas do que separadas."

Spinelli, também ex-aluna da instituição, fala da problemática de jornalistas mulheres e jovens serem referência, sendo que homens já há muito tempo, eles tem em quem se basear.

"Os times são instituições muito maiores que pessoas que passam ali", ao falar sobre o caso Cuca.

Araújo, está em seu último ano de faculdade e já cobriu times femininos, expõe que estar na mesa é um ato de resistência. "Precisamos ocupar esses espaços. Cresci sem uma referência preta".

Ao fim da mesa, alunas do curso relataram que ficaram emocionadas porque se identificaram com a dificuldade que vivem ao querer cobrir esporte e agradeceram pelo fato da realização da mesa.

Jornalismo Independente

"Eu acredito no Jornalismo como um serviço público."

Nesta mesa, os convidados Mariama (Agência Pública) e Cadu Machado (Jornal A Verdade), falaram sobre a importância do Jornalismo Independente, seus benefícios e dificuldades.



Mesa sobre Jornalismo Independente, mediada pela professora do curso, Anna Feldmann

Machado contou um pouco sobre os integrantes do jornal em que trabalha: formado por pessoas dos movimentos sociais que são chamados de comunicadores populares, a preparação desses profissionais ocorre através da participação de reuniões do jornal, da revisão, além da prática o jornal também investe na teoria com oficinas de texto, foto e audiovisual.

Os convidados disseram que a divulgação de seu trabalho é feita através das redes sociais, porém relataram que a competição com grandes jornais não é justa porque eles não têm capital suficiente para fazer investimentos que os deixem em destaque como os grandes jornais. Apesar disso disseram que o ramo está em crescimento.

Uma das principais vantagens levantadas pelos entrevistados foi o maior

tempo de produção e abordar de forma investigativa e aprofundada temas que são esquecidos pela grande mídia como a intercessão da religião na política e crimes da pandemia.

Também foi citado durante o evento a má representação de povos de outros estados e como solução, foi proposto que houvesse diversificação nas redações e nas fontes de informação.

Para quem quer entrar no ramo, os profissionais deram algumas dicas, como ser curioso, integrar a área de comunicação de movimentos sociais e investir em conhecimentos como lei de acesso à informação e banco de dados.

Jornalismo Literário

"Para quem ama o Jornalismo, hoje existem mais oportunidades de trabalho"

Para os convidados, Cecília Marins, Wagner William, Luiza Villaméa e Rosana Hermann, o propósito do Jornalismo Literário é contar histórias de formas diferentes.

Entre os benefícios do trabalho, eles destacaram a questão de terem mais tempo de pesquisa e possibilidade de aprofundar a narrativa para que não fiquem lacunas. Já em relação às dificuldades, evidenciaram as limitações colocadas pelas editoras e o fato de as redações não financiarem viagens para a produção de reportagens. Entretanto, disseram que um meio de realizar este tipo de trabalho é ficar de olho em editais que arquem com esses gastos.



Mesa sobre jornalismo literário, mediada pelo professor do curso, Diogo de Hollanda Cavalcanti

Para os futuros ingressantes na área, os convidados os tranquilizaram ao dizerem que apesar do crescimento da internet, existe espaço para o Jornalismo Literário; inclusive a área de quadrinhos está se organizando para criarem uma revista em conjunto.

Salientaram que os alunos devem sempre procurar se aprimorar, terem entusiasmo pelo que fazem, terem um lado empresarial, apostarem nas redes sociais para divulgação de seus livros e nunca deixarem de escrever sobre uma boa história.

Cine Debate

"A Guerra do Vietnã é o acontecimento mais importante da história contemporânea"

Já a oficina de Cine Debate discutiu a respeito do filme Corações e Mentes (Dir.: Peter Davis, 1974), considerado um dos documentários políticos mais importantes já feito. O longa trata sobre a Guerra do Vietnã e todos os aspectos políticos, culturais, étnicos e éticos dentro do conflito, que envolvia a invasão dos EUA no país oriental.



Oficina de Cine Debate do filme Corações e Mentes, mediada pelo professor do curso, Mauro Luiz Peron

O filme foi exibido na íntegra e contou com a mediação do professor do curso, Mauro Luiz Peron, e com comentários do professor José Salvador Faro. Após a exibição, os professores e alunos discutiram o impacto que o filme trouxe, além de levantarem sobre questões éticas e o imperialismo norte-americano e suas consequências atuais. "O imperialismo nunca é bonzinho, ele deixa rastros.", lembra Faro.

"Evidentemente a política norte-americana mudou de lá para cá, mas algo persiste e talvez isso seja o aspecto mais assombroso de que o filme aborda", destaca Peron.

Oficina de Expressividade para jornalista: dicas de gravação e exercícios de voz

E para finalizar o evento, não teria como ser de outra forma: aulas e recursos de como o jornalista deve usar sua locução, seja para apresentar nas telas, seja para reproduzir a sua voz. Uma atividade muito importante para quem quer seguir nessas áreas. A oficina foi mediada pelo Benê e convidou a professora Misaki Tanaka e a fonoaudióloga clínica Marta Assumpção, ambas especialistas fizeram atividades de respiração, exercícios para aquecer a voz e leitura em voz alta de trechos para todos os presentes no auditório.

Precisamos falar sobre Greenwashing

Prática de falsa sustentabilidade está em crescimento, enganando grande parte de consumidores

Por Beatriz Yamamoto, Catarina Pace e Giovanna Takamatsu

Imagine a seguinte situação: você se hospeda em um hotel, sobe para seu quarto, decide tomar um banho, se enxuga com a toalha oferecida pelo alojamento e quando acaba, vai pendurá-la atrás da porta do banheiro, você se depara com uma placa. Nela, a mensagem: "se quiser reutilizar a toalha, deixe-a pendurada; se deseja uma nova, deixe-a no chão. Vamos economizar água e energia com sua ajuda!". Você pode até pensar que é uma prática politicamente correta, achando que o hotel segue uma ética sustentável, mas você acabou de presenciar uma situação de Greenwashing, e pode nem ter percebido.

Mas afinal, o que é isso? Greenwashing, "lavagem verde" ou até "maquiagem verde", é uma prática mentirosa que consiste na utilização de discursos, estratégias de marketing e publicidade para promover uma falsa imagem de "amigo do ambiente". Ela é adotada por indústrias, empresas, comumente de comércio, ONGs e até governos para que pareça que eles estão preocupados com o meio-ambiente, quando na realidade não incorporaram nenhuma ação realmente sustentável. Ao **Contraponto**, a engenheira ambiental Stefany Araújo explica mais sobre como funciona. "Greenwashing é uma prática totalmente publicitária para transmitir aos consumidores de um

produto, marca ou serviço, que essa empresa se preocupa com os impactos ambientais e que estão 'comprometidos' em uma política mais consciente". A razão por trás disso é simples: o lucro.

O lucro pode vir na forma de diminuição de gastos, como ocorre com a lavagem das toalhas nos hotéis, já que mais hóspedes vão decidir não trocá-las ao ler a placa, refletindo sobre seu impacto no meio-ambiente; assim o alojamento irá economizar, às custas de uma falsa conscientização, não tendo nenhuma ou pouquíssimas reais ações de sustentabilidade. Porém, o maior rendimento vem especialmente do aumento de vendas e de preços.

De acordo com o relatório sustentável da corporação *Nielson's Global Corporate*, 66% dos consumidores da geração G pagariam mais em um produto se ele fosse feito por uma empresa sustentável. Em outro estudo, realizado pela *Union + Webster*, 87% dos consumidores brasileiros afirmam que preferem comprar de empresas sustentáveis. Ser ético está na moda, e, por meio do greenwashing, mais e mais companhias, magicamente, se tornam ambientalmente conscientes – somente para agradar o público. Araújo ressalta a problemática dessa prática. "A grande questão disso tudo é que, como o próprio termo já diz, é apenas uma aparência externa, ela só serve para mostrar, mas na prática interna da empresa não há uma política consciente", conclui a engenheira.

A popularidade escondida

Os praticantes do greenwashing estão ficando cada vez mais perspicazes, uma vez que a maioria dessas campanhas falsas não são percebidas pelo público. A utilização de discurso mais sofisticado, como "não contém CFC", químico banido em 1987, ou a criação de selos sem nenhum significado, engana facilmente. Um exemplo é encontrado na indústria automobilística, com a criação do selo "eco". Ele está presente em alguns automóveis, induzindo o consumidor a pensar que está adquirindo um carro que não prejudica o meio-ambiente, mas na realidade o selo é uma referência a economia de combustível do veículo.

Além do setor automobilístico, há muitos outros que também costumam praticar a falsa propaganda de sustentabilidade, dentre eles, produtos de limpeza, higiene pessoal e de utilidades domésticas. Em suas embalagens, ocorre a mesma estratégia, indicam uma responsabilidade ambiental, como diminuição de plástico ou menos água utilizada na produção, mas não indicam como isso foi feito; divulgando muitas informações falsas.

"Quando se fala de sustentabilidade, deve ser considerado toda a cadeia produtiva, desde a matéria prima até a política reversa daquele produto, ou seja, como ele irá retornar ao meio ambiente, e não só isso, o impacto social que aquele produto irá gerar e toda a rede de pessoas que passaram até chegar ao consumidor final" conclui Araújo.

Greenwashing na prática: SKKN by KIM

Descrito pelo site oficial da companhia SKKN by KIM, essa linha de cuidados com a pele da socialite Kim Kardashian é: "fundamentada em um ethos de sustentabilidade, com cada produto alojado em frascos e potes recarregáveis". Os produtos da marca possuem, essencialmente, 2 componentes: uma embalagem externa, não reciclável – que só serve de decoração – e uma embalagem interna, que possui o produto.

A embalagem interna, segundo a empresa, é feita de 50% de plástico reciclável – sem revelar o material dos outros 50%, que é, potencialmente, plástico virgem – e pode ser comprada novamente quando seu conteúdo acabar, assim sendo o "refil". Mesmo assim, o público compra, criando ainda mais desperdício, sem contar o impacto ambiental da produção de ambas as partes.

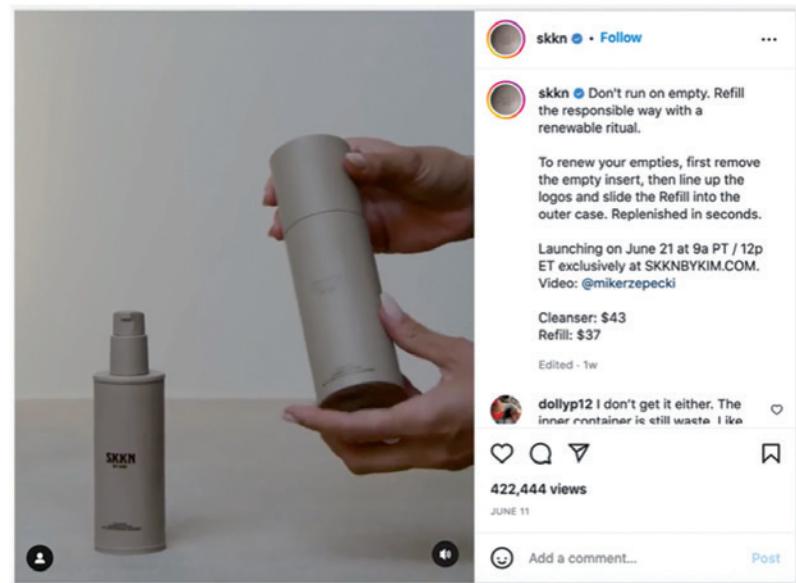
Com essa análise, é possível ver o greenwashing na prática. A companhia, que tem uma milionária como dona, lucra às custas da falsa sustentabilidade. Essa prática pode até gerar alto rendimento finan-

ceiro para as empresas, mas quem pensa que ela pode gerar algum tipo de comoção na instituição praticante se engana. A verdade é que o greenwashing impede que a sociedade se engaje nas questões ambientais urgentes, como a redução da emissão de carbono. Ainda por cima, o consumidor que compra de uma marca que pratica greenwashing está contribuindo, mesmo que indiretamente, com os mesmos danos ambientais dessa marca.

Essa falsa sustentabilidade representa um grande retrocesso nas lutas ambientais. "Falar", "mostrar" e fingir pode até dar certo para as gran-

des corporativas, mas para o meio ambiente e sua situação crítica, são ações que aumentam a destruição do ecossistema. "Sustentabilidade não é um produto, é uma filosofia de responsabilidade social, ambiental e governamental", finaliza a engenheira.

Screenshot do Instagram da SKKN



Ensaio fotográfico Do café aos trilhos: a Luz é guia

Por Giuliana Barrios Zanin

Olhe por onde você pisa.

A Estação Luz foi inaugurada em meados de 1865, mas você sabia que o prédio foi erguido 30 anos antes? O arquiteto britânico Charles Henry foi quem projetou e também responsável pelo primeiro trecho ferroviário do estado de São Paulo, ligando o porto de Santos à cidade de Jundiaí - trajeto principal realizado pela exportação de café. Também foi rota para imigrantes e vila para os tropeiros.

A integração do centro à zona sul e a outras regiões metropolitanas guiaram mais de 450 mil pessoas que utilizam a estação Luz diariamente. Em sua grande parte, a caminho ou à procura de emprego. Além disso, localizada no bairro do Bom Retiro, perto do Jardim da Luz, nome o qual sucedeu posteriormente o nome da ferrovia, a Luz não transloca apenas indivíduos, como também, história. O edifício abriga nos seus interiores o Museu da Língua Portuguesa e nos arredores a Pinacoteca de São Paulo e a Sala São Paulo, que são passeios acessíveis à população que deseja conhecer um pouco da história tanto local quanto nacional.

Seja a trabalho ou por diversão, a Luz une as pessoas aos seus destinos.



Patrimônio da Luz foi construído em 1901



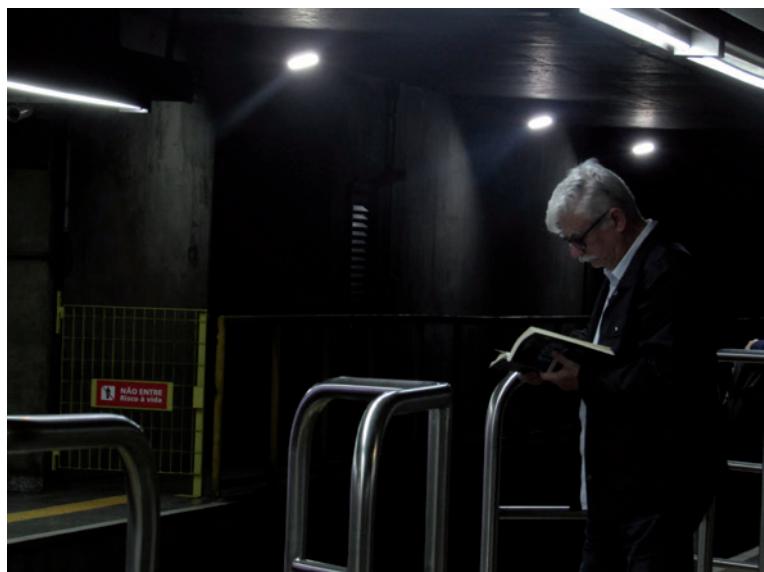
Os trens são a principal via de mobilidade da população



A Estação da Luz integra a Linha 1-Azul e 4-Amarela do Metrô de SP



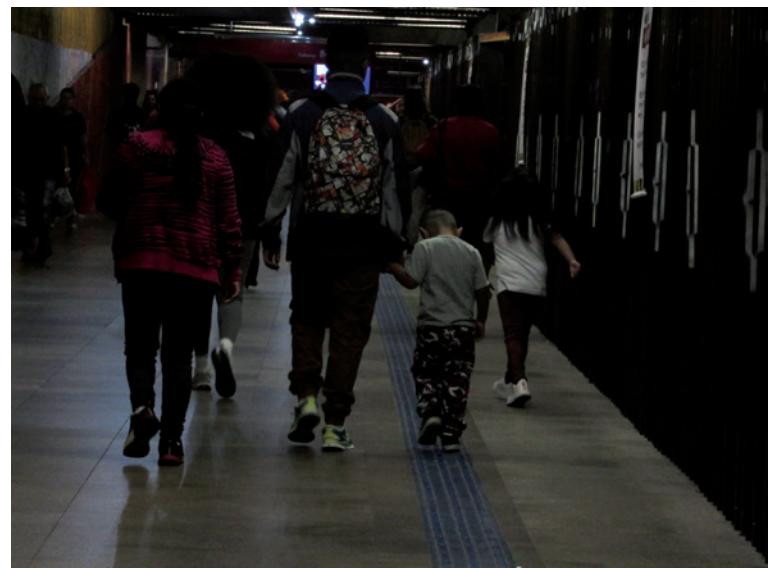
Mais de 40 milhões de brasileiros passam pela estação Luz todos os dias



Senhor está lendo enquanto espera o trem



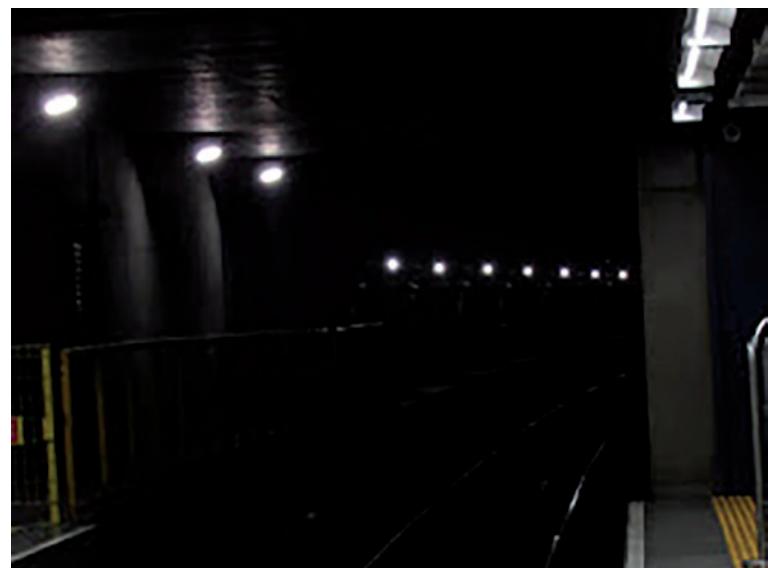
Placa da estação luz



Muitas pessoas saem das suas cidades em busca de condições melhores na metrópole



A Luz é localizada no Bom Retiro, bairro famoso pelas lojas de roupa espalhadas pelas ruas



A área subterrânea da Luz é seguida pelas principais linhas metroviárias da cidade paulista

Perspectiva das mudanças do Ensino Médio e do Vestibular

Críticos defendem alterações, mas argumentam que a implementação precipitada ignora particularidades das escolas e acentua desigualdades

Por Gabrielly Mendes, Julia Rugai, Julia Takahashi, Laura Teixeira e Mayara Neudl

O novo Ensino Médio foi anunciado pelo Ministério da Educação (MEC) em setembro de 2016. Sua implementação se deu através de Medida Provisória (MP), despertando críticas do setor estudantil que alertavam para a necessidade de um amplo debate sobre as mudanças que afetariam jovens de todo o País.

O modelo se tornou obrigatório em 2022 e determina a organização da grade horária em duas partes: 60% da carga horária dos três anos são compostos por disciplinas regulares. Os outros 40% são destinados às disciplinas optativas dentro de áreas do conhecimento – os chamados itinerários formativos.

A professora e diretora do Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais (Ceipe) Claudia Costin lembra que os rascunhos do Novo Ensino Médio nasceram de um esforço do então ministro Fernando Haddad. "Tinha-se como propósito transformar o ensino médio em um modelo mais contemporâneo, menos fragmentado e, de alguma maneira, fazer com que as disciplinas dialogassem entre si", explica.

O tempo dedicado às disciplinas também mudou. O novo ensino médio amplia a carga horária para 3 mil horas, um avanço em relação ao modelo educacional original que previa 2.250 horas distribuídas por toda a grade curricular comum.

O ponto discutido por críticos é a repartição desse tempo. A proposta atual propõe 1.800 horas para a formação básica e 1.200 horas para o estudo de itinerários formativos. Na prática, a medida obriga as escolas a limitarem a atenção dada às disciplinas tradicionais como português, matemática, história e geografia.

O problema é agravado em escolas públicas. As unidades educacionais enfrentam problemas de estrutura e operam com quadro reduzido de professores. As optativas passam a ser oferecidas em aulas online ou por docentes que não possuem qualificação adequada.

A oferta escassa de itinerários para jovens da periferia ainda colabora para a baixa adesão ao conteúdo ministrado. Com memes pela internet, optativas com o nome "Brigadeiro caseiro", "Arte de Morar", "RPG" e "O que rola por aí" despertaram a preocupação de profissionais que temem o aumento da desigualdade educacional entre escolas públicas e privadas.

O movimento Todos pela Educação define os itinerários como "dispersos e que pouco aprofundam conhecimentos e



© Jornal A Voz do Paraná

Especialistas afirmam que nova prática aumenta desigualdade e prejudica alunos da periferia

habilidades das áreas de conhecimento", em nota técnica em que defende a readequação da reforma.

A organização enfatiza que se concentrar fundamentalmente em modificações de natureza curricular não é o suficiente para solucionar aspectos centrais para o país e promover uma verdadeira reestruturação da educação brasileira.

"Pontos como o financiamento específico da etapa, a valorização e a formação dos professores, o fortalecimento da gestão escolar, a infraestrutura das escolas, entre outros, são condições necessárias e que não estão contemplados no escopo da atual política em implementação", afirma em nota.

A criação de uma nova grade curricular despertou a necessidade de um novo modelo de ingresso ao ensino superior. Ao invés de abordar todas as áreas do conhecimento, o Enem seria dividido em questões interdisciplinares e obrigatórias, e questões direcionadas à área escolhida pelo aluno. A medida seria colocada em prática a partir da edição de 2024.

A proposta recebeu críticas de vários setores. Mais de 300 entidades assinaram uma carta pedindo o fim da reforma em março e, pressionado, o MEC suspendeu por 60 dias o cronograma do novo modelo. A decisão barra as mudanças previstas para a edição do Enem de 2024.

Costin afirma que o processo de elaboração do modelo foi feito com pouco diálogo com profissionais da educação e a suspensão é uma oportunidade de corrigir seus principais erros.

"É necessário criar um modelo que pense na profissionalização do aluno, mas priorize a formação da autonomia e colaboração, ainda mais em tempos de chat GPT. Era isso o que Paulo Freire priorizava e devemos avançar nessa direção", afirma.

A especialista frisa que a lei do Novo Ensino Médio inclui diversos desafios. A implementação estava prevista para o período afetado pela Covid-19 e foi acentuada pela notável ausência do MEC à frente da coordenação da política nacional de educação.

"O MEC também deveria ter feito um guia de elaboração de itinerários formativos ou áreas de aprofundamento. Alguns países definem quais são os itinerários do país inteiro, enquanto outros definem diretrizes para sua elaboração. Isso não foi feito no Brasil, o que fez com que alguns estados decidessem por conta própria, resultando em problemas logísticos e isonômicos", conta.

Conhecida como PL da Revogação, um projeto de lei proposto pelo deputado Bacelar (PV-BA) e pela bancada do PSOL foi protocolado na Câmara dos Deputados para anular o Novo Ensino Médio implantado no governo de Temer. As diretrizes seriam substituídas por um modelo que privilegia a Formação Geral Básica (FGB) em detrimento dos itinerários formativos.

A proposta prevê que a FGB ocupe 2.400 das 3.000 horas de conteúdo e seja ministrada de modo exclusivamente presencial. Disciplinas como Língua Materna (para populações indígenas), Artes, Filosofia e Sociologia estão previstas no projeto.

O PL ainda propõe a criação da área “Parte Diversificada”, que substituiria os itinerários formativos. Repaginadas, as opções seriam ofertadas de acordo com a relevância para o contexto local, histórico e econômico de cada instituição de ensino.

O projeto precisa tramitar pelas Comissões do Congresso para respaldar sua constitucionalidade e adequação ao orçamento federal. A divisão da carga horária é um dos principais pontos da proposta.

Adaptação dos alunos no âmbito psicológico

Em paralelo a adaptação do vestibular e das mudanças do Ensino Médio, é importante analisar as abordagens humanizadas que alguns colégios incluem na grade curricular, como a introdução da matéria “projeto de vida”. Essas mudanças trazem um novo conceito de Ensino Médio que tenta se aproximar do apoio psicopedagógico.

Escolas como Santa Cruz e Waldorf são consideradas humanistas por estimularem a criatividade e a prática de exercício físico, fundamentais para o desenvolvimento da formação dos jovens.

“A ‘humanização’ deveria se fazer presente em todas as escolas, até porque lidamos com ‘gente’ e essa é a mola mestra do processo educacional. Essas escolas apresentam filosofias de trabalho que fortalecem o desenvolvimento do ser humano e potencializam o pensamento lógico e abstrato desde a primeira infância com intervenções que favorecem o imaginário”, conta Mariza de Azevedo Brum, psicopedagoga e orientadora educacional.

Em tese, a matéria Projeto de Vida tem o objetivo de auxiliar no aperfeiçoamento das habilidades cognitivas dos jovens. “Eu gosto da possibilidade do jovem poder desenvolver habilidades e competências a partir de disciplinas diferenciadas e que

tenham sentido de vida para eles, mas acredito que o trabalho de desenvolvimento das habilidades sócio-emocionais precisa ser alicerçado para que eles tenham condições de fazer essas escolhas”, afirma.

Com pontos positivos e negativos, o apoio psicopedagógico é fundamental para o desenvolvimento dos jovens, mas o modo como é implementado pode accentuar desigualdades na educação brasileira. Escolas privadas como Santa Cruz e Waldorf conseguem se adaptar ao novo currículo com menos dificuldade do que escolas públicas que já sofriam com falta de estrutura e recursos.

Críticos argumentam que a expectativa governamental sobre as reformas do novo Ensino Médio atende uma parcela pequena da sociedade. Por um lado, é importante que os alunos tenham apoio psicológico que os impulse e tenham resultados a longo prazo, mas reformular todo o Ensino Médio e o ENEM há inúmeros desafios na implementação precipitada de um modelo que não considera as particularidades do ensino público e privado em um país com proporções continentais.

Além disso, já há uma lacuna diante da preparação para o vestibular, em relação a conteúdos trabalhados para o vestibular, do qual é a organização atual do ensino médio. A preocupação maior deveria ser em estruturar melhorar as escolas para atender o maior número de alunos possível, tentando diminuir o nível de analfabetismo e aumentar a quantidade de alunos nas universidades.

Vale a pena ressaltar que o apoio psicológico é fundamental no aprendizado dos jovens, principalmente no estímulo das habilidades e curiosidades dos alunos, como propõe o Projeto de Vida, tendo em vista, que muitos alunos desanimam pela falta de professores nas escolas ou pela situação financeira que vivem, mas principalmente falta de perspectiva de um futuro melhor.

Ensino conteudista

Além das análises em relação a aplicação do novo Ensino Médio, é necessário refletir sobre os conteúdos cobrados sobre os alunos e

© Folhapress



Mais de 300 entidades assinaram uma carta aberta para defender o fim da reforma

a pressão que existe sobre eles. O Colégio Objetivo Paulista, localizado na zona oeste de São Paulo, é uma das principais escolas privadas da capital e ostenta mais de 70 mil aprovações nos vestibulares do país.

Os estudantes são estimulados a participar de olimpíadas para exercitar os seus conhecimentos e ser reconhecido por seu trabalho. O colégio conta com 13.126 medalhas e troféus em olimpíadas científicas.

Aluna do 2º ano do ensino médio, Camila avalia que o modelo educacional é estruturado para priorizar a preparação para vestibulares e deixa pouco espaço para o desenvolvimento da criatividade. “As aulas se resumem em se sentar, assistir a aula do professor e depois vê-lo resolver as usuais quatro questões do módulo”.

Camila Mendonça da Silva destaca a redação semanal como a única oportunidade para expressar ideias e opiniões, ainda que de forma limitada. “É sempre uma trama dissertativa-argumentativa e com tema pré definido, seguindo fielmente o modelo do Enem e de outros vestibulares. Mesmo sendo bem restrita, considero a forma mais livre de expressão no sistema Objetivo atual”, afirma.

Laura Saori, também estudante do 2º ano do ensino médio da mesma instituição, conta que a escola passou a oferecer oficinas de artes para áreas de formação focadas em humanidades e laboratórios para itinerários de exatas.

“A organização educativa da escola representa um dos principais desafios para estimular a criatividade dos alunos. Temos uma quantidade excessiva de conteúdo presencial e online, além de apostilas de exercícios e provas frequentes”, relata.

A estudante acredita que a implementação do novo ensino médio nos moldes atuais pode agravar desigualdades. “Acho errado reduzirem a quantidade de conteúdo ministrado para matérias como história e geografia. Elas são importantes não apenas para os vestibulares, mas também para nossas vidas”, enfatiza.



© Fernando Frazão/Agência Brasil

As pesquisas têm revelado que, na prática, não há muitas opções de itinerários formativos disponíveis para os alunos escolherem

Burnout: a síndrome que mais cresce entre os estudantes

Entenda como a sobrecarga de estudos faz com que a doença atinja cada vez mais as novas gerações

Por Laura Mello, Marcela Foresti e Paula Moraes

O burnout, síndrome que afeta a saúde mental, atualmente é um dos assuntos mais discutidos. Isso ocorre pois com a evolução da tecnologia, somos bombardeados de informações e demandas a todo o instante. No entanto, a síndrome é considerada uma doença ocupacional, ou seja, ela está relacionada às condições em que o trabalhador desenvolve atividades.

A síndrome só foi adicionada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) à lista de doenças ocupacionais em janeiro de 2022. Já no Brasil, o Ministério da Saúde passou a reconhecer-a como doença ocupacional em 1999.

Os sintomas mais comuns da síndrome são: cansaço excessivo – físico e mental – dor de cabeça frequente, alterações no apetite, insônia, dificuldades de concentração, sentimentos de fracasso e insegurança, negatividade constante e sentimentos de derrota e desesperança. Apesar disso, a síndrome está presente fora do ambiente de trabalho e tomando espaço no âmbito acadêmico.

Geração Z e o ritmo de estudos

Estudos como o de 2022, da Betterfly, plataforma de benefícios corporativos, apontam que 60% dos jovens da geração Z, nascidos entre 1996 e 2010, são atingidos pela Síndrome de Burnout, enquanto 57% dos millennials, nascidos entre 1981 e 1996, são atingidos.

Como a geração Z tem em torno de 13 e 28 anos, a grande maioria ainda frequenta ambientes acadêmicos, como escolas ou universidades.

O ritmo de estudos, combinado com a velocidade da informação, afeta diretamente a saúde mental e física de grande parte desses grupos, principalmente aqueles que estão em período de vestibular e possuem uma carga de estudos elevada.

A psicóloga Elayne Graziele afirma algumas condições que podem levar alguém a desenvolver a síndrome. "A causa dessa doença manifesta-se por um esgotamento mental ligado a períodos estressantes, alta demanda de afazeres, prazos curtos, pressão de superiores e metas muito altas", esclarece a profissional.

Cansaço de estudantes causado pelos estudos

Como a alta carga no aprendizado pode causar o Burnout?

A pesquisa feita pela Revista de Psicologia IMED, para a edição de janeiro – junho de 2022, afirma que a pressão e o estresse relacionado à sobrecarga de estudos e atividades relacionadas a ambientes acadêmicos que um estudante sofre é a mesma que profissionais já formados.

Em entrevista ao **Contraponto**, a pós-graduanda em psicopedagogia, Celina de Mello Portela, afirma que é necessário que cada processo de desenvolvimento e aprendizagem de uma criança até a sua fase adulta seja feito com calma e sem excessos.

A estudante ainda explica o que acontece caso este processo de aprendizado seja feito de forma indevida. "Quando esse processo é em excesso, é inadequado, é uma obrigação e passa por cima das fases de desenvolvimento que a criança estava, pode afetar a criança tanto diretamente como indiretamente, levando ao cansaço físico e mental."

Em estudo embrionário realizado em 2012 por Mariana Ono Mori, Tânia Cristina e Luiz Fernando Nascimento, foi constatada uma associação entre a síndrome de burnout e o rendimento acadêmico de alunos de Medicina, principalmente nas disciplinas do primeiro e segundo ano. Além disso, constatou-se que o comprometimento emocional dos alunos e os sintomas da síndrome variam também de acordo com as notas de cada aluno.

"São necessários estudos longitudinais sobre o assunto para confirmar as tendências encontradas e esclarecer a interferência de fatores que não puderam ser abordados neste estudo, considerado preliminar", esclarecem os pesquisadores do estudo.

Como funciona o diagnóstico da síndrome de burnout?

O diagnóstico de burnout é feito por um terapeuta ou psiquiatra. O tratamento pode ser feito com psicoterapia ou com medicamentos (antidepressivos e/ou ansiolíticos). O procedimento normalmente surte efeito depois de 1 a 3 meses.

A linha terapêutica mais indicada nesses casos é a abordagem TCC (Terapia Cognitivo Comportamental). É recomendado que a pessoa se afaste das funções que causaram a exaustão até que consiga retornar sem o esgotamento.

O que pode ser feito para prevenir o burnout?

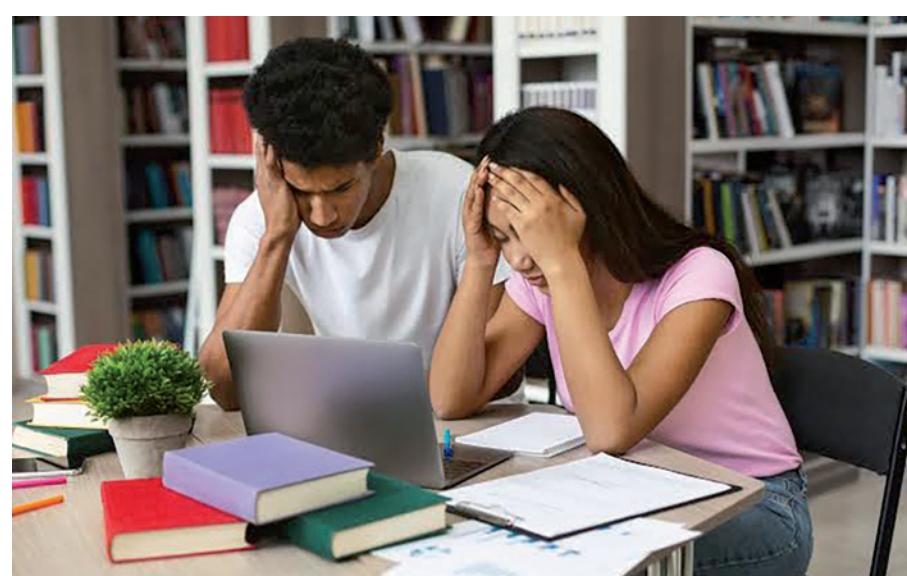
As principais orientações feitas pela psicóloga Elayne Graziele para que os estudantes evitem o esgotamento mental, implicam na mudança de hábitos envolvendo o estilo de vida.

Uma das instruções é incluir a prática de exercícios físicos na rotina. Isso ajuda a liberar a tensão dos músculos, aliviando sintomas de estresse, promovendo a sensação de bem-estar e melhora na qualidade do sono.

Para ter a energia necessária para enfrentar o dia, é necessário possuir uma alimentação balanceada. Dessa forma, o recomendado é consultar um nutricionista.

A fim de ter uma melhora nos desempenhos acadêmicos, é necessário criar uma organização dos horários. A recomendação é de pausas de 15 a 20 minutos após algumas horas de estudo para evitar o estresse e relaxar o corpo.

Por fim, é importante se organizar para ter momentos de lazer, como passar um tempo com a família, assistir a filmes e séries que gosta, meditar ou algum outro hobby. O importante é encontrar maneiras de se desligar e relaxar.



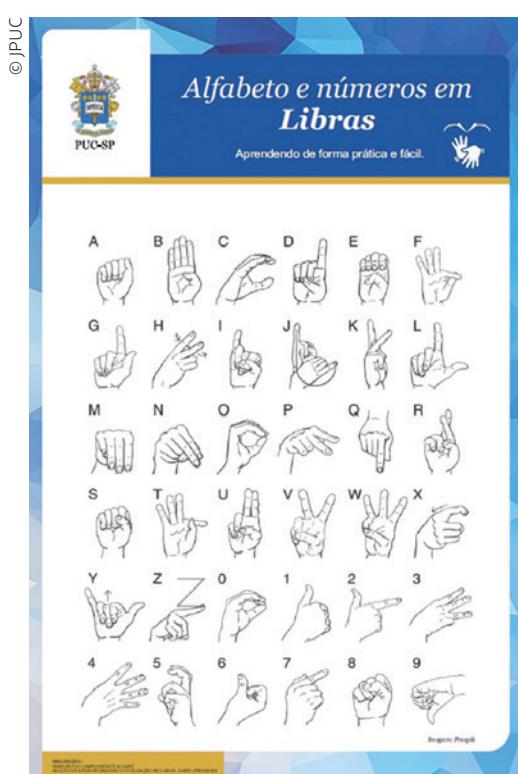
© Getty Images

Quem escuta os alunos surdos?

A PUC-SP tem tomado atitudes positivas em relação ao seu trabalho de inclusão com alunos e funcionários surdos, mas há espaço para mais

Por Artur Maciel, Carolina Rouchou e Fernanda Travaglini

O princípio da inclusão é um dos nortes do sistema educacional brasileiro. Todas as pessoas devem ter não apenas acesso, mas também garantidas as condições para que possam se desenvolver e exercer o intelecto e a profissão através do ensino. Um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstra que o Brasil possui mais de 10,7 milhões de pessoas que apresentam algum grau de perda auditiva, mas apenas 7% delas possuem diploma de ensino superior. O desafio tem suas raízes no preconceito social com as pessoas surdas, fruto do desconhecimento geral sobre a condição.



Alfabeto e números em Libras dado pela PUC-SP

O mundo surdo

Nem todo surdo se considera uma pessoa com deficiência auditiva e a condição tem níveis distintos. A língua materna do surdo brasileiro é libras (Língua Brasileira de Sinais), enquanto o português é somente uma língua adquirida. Em termos linguísticos, a libras é gestual, ou seja, não é composta por sons, e apresenta estruturas gramaticais, lexicais e discursivas.

A libras é uma língua atravessada pela cultura, por regionalismos e complexidades, assim como as línguas orais. Existem diversas maneiras com que cada família opta por lidar com a surdez. Em muitos

casos, é possível usar o implante coclear, que permite algum nível de audição, e, em outros, é importante o aprendizado da língua por parte dos surdos e ouvintes daquele núcleo familiar.

No ambiente educacional, é importante que haja um intérprete de libras e que as crianças ou adolescentes sejam incluídas na educação regular, e não em escolas especiais, para que possam inserir-se na vida social, uma vez que o Brasil ainda não é um país bilíngue – isto é, fluente em libras e português.

Devido à disparidade linguística, ainda que surdos vivam no mesmo espaço físico que os ouvintes, se as políticas corretas não forem implementadas, eles podem ser completamente excluídos de interações com outros colegas, relacionamentos, oportunidades de trabalho e educação. Tratando dessa realidade com muita sensibilidade, o filme CODA (2021), de Sian Heder, traduzido como “No Ritmo do Coração” no Brasil, conta a história de uma família com deficiência auditiva. Onde somente a filha, Ruby, é a única que escuta, auxiliando os pais e o irmão nas tarefas diárias. A trama do filme gira em torno da jovem decidir entre realizar o seu sonho de ser cantora ou continuar ajudando a sua família.

Políticas aplicadas na PUC-SP

O Deric, instituição amparada pela Fundação São Paulo, mantém escolas para pessoas surdas e oferece cursos de libras para os interessados. A entidade também possui uma parceria trabalhista com a PUC-SP: além de雇用 pessoas surdas para diversas funções, a faculdade possui intérpretes dentro do seu ambiente, algo incomum em outras universidades.

Na PUC, o amparo ao aluno surdo começa no vestibular. Durante esse processo, o ingressante passa por uma avaliação de suas necessidades – apesar dos surdos dividirem uma mesma característica, as particularidades de cada caso são múltiplas. Alguns estudantes conseguem fazer leitura labial, enquanto outros se comunicam por libras. O nível de fluência nessa língua também varia e, por isso, a universidade oferece cursos em diversos níveis.

Atualmente há cinco intérpretes fixos na PUC-SP, além de outros que atuam como terceiros. “É preciso uma atuação conjunta entre alunos e professores para que todos estejam bem”, diz Monica Nascimento, funcionária do Programa de Atendimento Comunitário (PAC) da universidade. “Antes, esse serviço era feito totalmente pelo Deric, hoje só pela parceria”,



Prédio do Deric em São Paulo

acrescenta. Entretanto, o conhecimento e preparo dos professores em relação a libras é limitado, visto que a formação na língua pelos docentes não é obrigatória.

Em entrevista, o funcionário Renato de Queiroz explica as diferenças na recepção da PUC-SP com a comunidade surda: “Já trabalhei em outras empresas, mas foi difícil. Ninguém tinha intérprete, nem interesse na vida do surdo”. Renato ainda relata que o interesse por libras está aumentando, mas lamenta que alguns cursos da universidade ainda não possuem o necessário para incluir alunos surdos.

A inserção de pessoas surdas na educação do Brasil é falha em todos níveis de formação: apenas 15% dos membros dessa comunidade concluíram o Ensino Médio. A taxa de evasão escolar pode ser atribuída à falta de preparo e infraestrutura que os centros de ensino brasileiro apresentam. Para aluno surdo, é necessário oferecer, além de vagas, intérpretes e materiais didáticos adequados. Contudo, ainda há uma barreira: a comunicação entre os colegas de classe.

Apesar de ser a segunda língua oficial do Brasil, a libras não faz parte do currículo escolar do país, o que dificulta o processo de inclusão. Seja em um implante coclear, na leitura labial ou com um intérprete, as pessoas surdas buscam ferramentas de apoio para se adequar ao modo de vida dos ouvintes. Porém, o contrário não acontece. Se a fluência em libras fosse comum, não haveria necessidade de salas especiais para alunos surdos.

A fluência nacional em libras ainda é um objetivo distante, que apenas será alcançado nas próximas gerações. No entanto, para que mudanças sejam implementadas, é preciso que pessoas com deficiência auditiva estejam engajadas em projetos e políticas públicas que visem melhorar o cenário a curto prazo. E a melhor maneira de alcançar isso é através da educação.

Met Gala 2023: a moda como arte e revolução

A cerimônia, considerada como a grande noite da moda, homenageou a trajetória e o legado do polêmico estilista alemão Karl Lagerfeld

Por Alice Di Biase, Giovanna Montanhan, Julia da Justa Berkovitz, Nina Januzzi da Gloria e Mariana Castilho

No dia 1º de maio, ocorreu em Nova York, nos Estados Unidos, o Met Gala: evento anual que visa a arrecadação de fundos para o *Costume Institute* do *Metropolitan Museum of Art* (MET), uma das maiores e mais renomadas instituições de arte do mundo. Organizado pela diretora da *Vogue* americana, Anna Wintour, o tema deste ano foi "Karl Lagerfeld: A Line of Beauty". A escolha de retratar o designer alemão, que faleceu em 2019, se deu como uma forma de relembrar sua trajetória e importância para o mundo da moda. Todavia, Lagerfeld foi uma figura controversa e polêmica, o que rendeu debates e questionamentos nas mídias sobre a homenagem.

Sobre o baile

Criado em 1948 pela publicitária americana Eleanor Lambert, o encontro, inicialmente conhecido como *Costume Institute Benefit*, era uma oportunidade para a elite de Nova York mostrar seus trajes extravagantes e chamar atenção para a moda americana.

No entanto, o Met Gala só se tornou uma cerimônia de moda de renome mundial na década de 1970, quando a editora de moda Diana Vreeland assumiu a liderança do *Costume Institute* e implementou um processo para que cada edição anual tivesse um tema.

O dress code da edição de 1 de maio de 2023 foi estabelecido como "em homenagem a Karl Lagerfeld" – estilista de grande renome mundial, que participou do styling de marcas de luxo como Chanel e Fendi.

Passaram pelo evento figuras como a cantora Anitta, as irmãs Jenner, que são figuras carimbadas do Met, o rapper A\$AP Rocky e a atriz Jenna Ortega. A ausência das atrizes Blake Lively e Zendaya, personalidades assíduas da cerimônia, foi notada e sentida. Alguns rumores espalharam-se na internet para tentar justificar a falta das estrelas no baile, sendo a escolha do tema e as polêmicas envolvendo o homenageado. No entanto, nenhuma delas se pronunciou a respeito, deixando em aberto para especulações.

Looks que se destacaram

Durante a cerimônia, os looks que passaram pelo tapete vermelho focaram no legado do designer alemão. Dominaram a noite roupas que celebravam as marcas registradas de Lagerfeld, como o tweed – tecido reconhecido pelas tramas estruturadas de fios de lã –, as cores preto e branco, muito brilho e pérolas. As peças exploraram desde o clássico, como o vestido de alta-costura usado por Dua Lipa, até o ousado e futurístico, como a escolha do cantor Lil Nas X, que foi pintado dos pés à cabeça de cinza, usando brilhos pelo corpo.

Entre as homenagens prestadas a Karl, houveram famosos que, por meio da escolha do look, buscaram representar sua longa relação com o artista, como os vestidos de Gisele Bündchen e Nicole Kidman, usados por elas em campanhas feitas para a Chanel. Já algumas outras foram mais escancaradas, como a imensa capa da Balmain usada por Jeremy Pope, a qual tinha o rosto do designer estampado.

Para Valentina Precaro, estudante de moda da FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), um dos vestidos mais marcantes do tapete vermelho foi o escolhido

pela cantora Rihanna. "Para mim, a roupa usada por ela deveria ter sido mais comentada, uma vez que ela faz referência a famosa bolsa de pérola Chanel a partir do formato de sua roupa, e as flores características da marca, refletindo bem a trajetória de Lagerfeld na grife", afirma.

Ainda na passagem pelo evento, alguns famosos buscaram abordar outros aspectos da vida de Karl. Entre os looks diferentes, o da cantora Doja Cat, que usou uma prótese em seu rosto fazendo alusão a um felino, e do ator Jared Leto, que foi vestido de gato, se destacaram ao fugirem do comum e homenagearem a amada gata de Lagerfeld, Choupette, que recebeu sua fortuna após seu falecimento.

"Pense em rosa, mas não o use". A famosa frase de Karl Lagerfeld foi motivo para que um burburinho se iniciasse durante o evento e dominasse a internet em pouco tempo. Isso porque a escolha de tons de rosa em certos visuais, como o da atriz Viola Davis e da modelo Naomi Campbell, foram interpretadas pelo público como uma indireta ou protesto contra o designer, diante de suas atitudes controversas. No entanto, essa não passa de uma teoria criada por internautas.



Gisele Bündchen
usando peça
da coleção
primavera/verão
2007 da Chanel

Atriz Viola Davis
usando vestido no
MET GALA 2023



© Getty Images

Jared Leto
vestido de gato

© Getty Images

A importância de Karl para indústria da moda

O homenageado do considerado “Oscar da moda” desse ano deixa seu legado em diversas marcas da alta costura. De origem alemã, nascido em Hamburgo no ano de 1933 – data omitida ao máximo pelo estilista –, Karl Otto Lagerfeld mudou-se ainda jovem para Paris e logo seu nome chegou aos ouvidos de gigantes da moda. Iniciou sua carreira como assistente de Pierre Balmain e, desde então, revolucionou a identidade visual de diversas marcas como Jean Patou, Chloé, Fendi e Chanel. Apelidado de “kaiser da moda”, ele faleceu em fevereiro de 2019 por complicações de um câncer no pulmão. Solteiro e sem filhos, Lagerfeld gerou polêmicas até mesmo com sua morte ao deixar parte da herança para sua gata de estimação, Choupette.

Em sua carreira, Fendi e Chanel foram as marcas em que Karl permaneceu por mais tempo, 55 e 36 anos respectivamente. As contribuições são inesquecíveis, assim como comenta Precaro: “A moda nunca sai de moda, na realidade. Fazemos sempre releituras e adaptações de acordo com as mudanças na sociedade, e o designer deixou marcas únicas que são usadas até hoje, como colares de pérolas, sapatos bicolores e as caméliaias”.

Lagerfeld ficou conhecido por ressignificar e tornar atemporais peças da alta costura: o tão famoso logotipo da Fendi, um FF invertido; a ressignificação da bolsa 2.55 da Chanel, considerada um ícone; a *sling bag* da Chanel; saias curtas e a inovação da linha de noivas são alguns exemplos. Até para os maiores críticos do estilista, sua genialidade era inegável.



Polêmicas do estilista

No entanto, mesmo sendo um revolucionário da moda, Karl era um homem conservador e preconceituoso. Ao longo de sua vida, o homenageado acumulou falas gordofóbicas, misóginas e xenofóbicas, além de afirmar que odiava crianças em resposta ao entrevistador da revista *Prestige Hong Kong*, que perguntou se ele tinha vontade de ter filhos.

Uma das principais polêmicas do estilista envolveu a cantora Adele. Em 2012, Lagerfeld disse que “embora ela seja um pouco gorda demais, tem um rosto lindo e uma voz divina”. Seu comentário viralizou nas redes e Adele respondeu: “Nunca quis parecer com as modelos de capa de revista”.

Posteriormente, Karl se desculpou e justificou que sua frase tinha sido tirada de contexto, alegando que era “seu maior admirador”. Todavia, o designer seguiu defendendo o culto à magreza e, em 2019, ao ser entrevistado pela revista alemã *Focus*, Lagerfeld opinou a respeito das mulheres que se opõem à magreza no mundo da moda, as rotulando como “mães gordas com seus sacos de batatas fritas, sentadas na frente da televisão”.

Sendo assim, era esperado que artistas engajadas socialmente se manifestassem no Met Gala, como foi o caso da foto publicada pela cantora Lizzo, conhecida também por sua atuação no movimento *Body Positive*. Em suas redes sociais, a artista apareceu em uma cozinha, pronta para o baile em seu traje de gala, comendo batatas fritas.

Muitos interpretaram como uma indireta e uma provocação ao homenageado. Letícia Diógenes, estudante de moda e criadora de conteúdo, opinou: “Achei o máximo, ela tipo, ‘eu sou a Lizzo, provavelmente ele não iria gostar de me ver no tapete, mas eu vou e ainda vou usar uma roupa que é dele’. Foi muito provocante”.

Karl Lagerfeld e Olivier Rousteing
(diretor criativo da Balmain)
usando bolsa irônica



Cantora Lizzo numa cozinha comendo batatas enquanto usa sua roupa para o Met Gala

A escolha de retratar no Met Gala um estilista tão genial, porém extremamente preconceituoso, foi alvo de críticas, debates e impasses. “Ele era essa pessoa muito problemática, e aí fica esse impasse. A gente separa a arte do artista ou não?”, disse Diógenes, ao expressar sua dificuldade em julgar a decisão de homenagear Karl no evento.

MTV Brasil: o canal que moldou uma geração

Dez anos após o fim da emissora na TV aberta, o que mudou na marca que revolucionou a música e a cultura na década de 90 e início dos anos 2000

Por Ana Beatriz Assis, Lucas Malagone, Maria Ferreira dos Santos, Marina Gonçalez e Nathalia Teixeira

Hoje, inegavelmente, plataformas como o YouTube e o Tik Tok ditam gostos e costumes. Basta uma música viralizar para que as pessoas passem a agir conforme determinado estilo. Para isso, entretanto, é necessário ter um algoritmo a seu favor. Mas nem sempre foi assim, houve uma época em que os fãs tinham que fazer ligações para ver o videoclipe dos artistas que gostavam, esses, por sua vez, eram descobertos não por suas próprias redes sociais e sim, por programas de TV.

Essa era a realidade da geração que cresceu com a MTV Brasil. Lançado em 20 de outubro de 1990 como um canal de TV aberta, a MTV Brasil surgiu como uma extensão na América Latina do mercado musical da MTV estadunidense. Sua chegada ao país foi possibilitada pelo Grupo Abril, um importante conglomerado brasileiro de mídia, responsável por veículos como a Revista Capricho, Veja e Superinteressante.

lismo cultural de música produzido pelas revistas Bizz, MTV e Rolling Stone, reconhece a forte influência da emissora e de suas personalidades em sua escolha profissional. Os apresentadores da MTV, como Astrid Fontenelle e Zeca Camargo, conquistaram seu coração com suas abordagens únicas e familiaridade, deixando uma marca duradoura.

"A gente deixava esses VJs entrarem na nossa casa todos os dias, e pareciam pessoas que a gente conhecia, nossos amigos. Acho que pela linguagem informal, similar à do público, tinha uma identificação grande. E formou-se um carinho especial", afirma D'Elboux Bottini.

A autenticidade e jovialidade da emissora apresentou-se em diferentes esferas, dos programas aos comerciais. José Augusto Reis, mestre em Comunicação Social pela UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), e autor da dissertação de mestrado "ISSO NÃO É TV, É MTV: linguagem da MTV brasileira", lembra que na televisão era tudo muito parecido, as propagandas eram praticamente as mesmas em todos os canais. Já a MTV era algo novo.

"Era uma linguagem tão peculiar que até a publicidade era diferente. O conteúdo da MTV era facilmente reconhecido a qualquer momento da programação. O 'jeito' MTV era outra coisa, não era a TV que a gente se acostumou a conhecer", completa José.

Além disso, a MTV Brasil que perdeu até 2013, não era apenas uma emissora musical. Ela, na verdade, despertava em seu público, majoritariamente jovem, o 'pensar fora da caixa', pois fugia do óbvio com programas ousados que traziam temas que eram tabus (e são, até os dias atuais) na televisão aberta.

Um exemplo disso foi o programa "Ponto Pe", no qual a VJ Penélope Nova respondia conselhos amorosos e sexuais, principalmente para gays, e falava abertamente sobre traição, infecções sexualmente transmissíveis e demais pautas sexuais sem julgamentos.



© Divulgação/MTV

Logo da MTV Brasil

A representatividade na época em que a MTV Brasil operava na TV aberta não vinha só do público. Além de abraçar pessoas de todos os gêneros, raças, classes e orientação sexual, a MTV mostrava seu posicionamento pela escolha dos apresentadores. Didi Effe, ex-VJ, declarou, no programa de entrevistas "AcessíveisCast", que recebe diversas mensagens de telespectadores dizendo que ele foi a primeira referência gay na TV aberta.

Na comédia, Tatá Werneck ganhou destaque entre os humoristas e passou a ser uma das primeiras mulheres respeitadas na indústria humorística, que até então só dava espaço aos homens.

É fato que a emissora quebrou estereótipos e teve o papel de influenciar toda uma geração a abandonar o medo da autenticidade e de quebrar paradigmas. "O pioneirismo da MTV nesse sentido foi gigante e de enorme relevância", declara D'Elboux Bottini.

Um impacto duradouro

Caio Matheus, de 26 anos, é administrador do perfil "A MTV Que Deu Certo", no Instagram, e agradece ao canal pelo fato de ter se formado um adulto com pensamento intelectual, já que aprendeu com a programação, pautas de comportamento humano, como a importância do uso da camisinha. "A MTV era uma grande formadora de opinião e um canal que fomentava o pensamento crítico, coisa que não vemos na TV hoje em dia", pontuou.

Já Leandro Gomes, de 35 anos e administrador da "Disk MTV", também no Instagram, admirava o potencial da emissora em misturar entretenimento, diversão e responsabilidade: "A MTV não deixava o jovem ser alienado. Isso através de programas que faziam o jovem pensar, questionar as coisas em sua volta e cotidiano".

© Divulgação/MTV



Anúncio de estreia da MTV no Brasil

Pode-se dizer que a emissora foi um sucesso, afinal de contas, auxiliou na comunicação de bandas e cantores com o público, servindo como porta de entrada para a divulgação de seus trabalhos artísticos. Participar do "Acústico MTV", por exemplo, era considerado o auge de uma carreira musical.

Para além dos artistas, os apresentadores, chamados de "VJs", também se destacaram com o público. Nomes como Cuca Lazaroto, Titi Muller e Marcos Mion surgiram na MTV e continuam sendo figuras relevantes até os dias de hoje.

A jornalista Fernanda D'Elboux Bottini, que tem como tema de estudo o jornal-

Em suma, a MTV da década de 90 e início dos anos 2000 cumpria sua função de entreter, mas também conseguia extraír uma análise social e comportamental para o público; reflexão que outros canais não conseguiam. Para Fernanda D'Elboux esse é talvez o maior legado da MTV, mostrar que "é possível ser, ao mesmo tempo, leve e bem humorada, como também tratar de assuntos sérios".

"Nenhuma emissora falaria para o telespectador desligar a televisão e ir ler um livro", acrescenta Caio. A experiência de consumir a antiga MTV não apenas proporcionou aos jovens um repertório cultural diversificado, mas também contribuiu para o desenvolvimento de um senso crítico que os acompanha na vida adulta. Tudo isso na televisão aberta, que até então era o local que mais afastava o público dessa noção de pautas sociais. A antiga MTV dialogava com os jovens de forma responsável.

O fim de uma era

Mas, afinal de contas, se a MTV Brasil tinha público e destaque, por que a deixaram sumir? O último programa da "antiga MTV" foi ao ar dia 30 de setembro de 2013. Daniel Furlan e Juliano Enrico protagonizaram o fim de uma era, com o quadro humorístico "O último programa do mundo". Após isso, um programa especial "Tchau MTV" foi exibido com o apresentador Luiz Thunderbird.

Em entrevista ao "Flow Podcast", o artista Bruno Sutter, que passou grande parte da sua carreira na antiga MTV, disse que o declínio ocorreu por uma falta de gerência do Grupo Abril (até então detentora dos direitos da emissora). Com a chegada do YouTube, os clipes que eram um sucesso da emissora, deixaram de ser o atrativo principal para os jovens, que estavam desvendando as novas plataformas que a internet apresentava.

Sobre o fim desse marco, o mestre em Comunicação Social, José Augusto Reis diz que é difícil afirmar o que foi acerto e o que foi erro, já que, em uma determinada altura, a necessidade de busca pela audiência para fugir do prejuízo pode ter prejudicado o cuidado com o conteúdo e, segundo ele, "isto também pode ter tido algum grau de influência". Sobre a gestão do Grupo Abril, ele ainda ressalta "que foi uma crise de mídia e de modelo de negócio, não acho que tenha sido uma crise exclusiva da MTV".

Após quase dez anos sem MTV, Felipe Arcelino, administrador do perfil "MTV Brasil Memórias", no Instagram, confessa que sente falta da antiga emissora e que hoje acompanha portais de notícias nas redes sociais e canais no YouTube sobre música e cultura pop, pois alguns deles "até trazem a sensação de estar assistindo a um programa da MTV Brasil apresentado por um VJ."

Felipe diz ainda que a criação do Instagram o ajudou a superar a saudade dos programas. "O fim do canal me deixou de 'luto', por esse motivo eu me pegava vez ou outra no YouTube assistindo trechos de programas que eu gostava", ele admite que esse exercício despertava um sentimento de felicidade, e que a partir disso, decidiu criar um perfil no Instagram para que outros pudessem ter essa experiência.

Após o fechamento da antiga MTV Brasil, comandada pelo Grupo Abril, em 2013, a companhia se tornou propriedade do conglomerado Paramount, já responsável pela MTV estadunidense. Mesmo mantendo o nome, o conteúdo mudou drasticamente, e os programas musicais interativos deram lugar a três canais, cada um com uma proposta diferente do que se via até então. A MTV também deixou de ser um canal aberto, e atualmente só pode ser assistido por assinatura.

Reinventando-se para uma nova geração

As novas vertentes da MTV Brasil são a MTV, a MTV 00s e a MTV Live. A MTV, a mais popular das três, transmite os programas que são mais associados com a imagem do canal hoje em dia, como o reality show "De Férias como Ex" e o seriado "Teen Wolf", além de ser uma referência para o mundo do entretenimento brasileiro com o prêmio "Miaw".



© Divulgação/MTV

Apesar do conteúdo musical não ser o foco da nova MTV Brasil, ele permanece em alguns programas como o MIAW



O foco da nova MTV são os realities shows

O conteúdo da MTV 00s mexe com a nostalgia, trazendo videoclipes apenas com músicas dos anos 2000. Por fim, a MTV Live foca em conteúdos musicais num geral, com programas de videoclipes, apresentações ao vivo, entrevistas e premiações.

Além da TV, a MTV também busca audiência nas telas da internet. No YouTube, são disponibilizados trechos dos programas dos canais, tática para causar no espectador curiosidade e vontade de assistir mais. Esse desejo de ver determinado programa na íntegra, na hora que o consumidor quiser, só pode ser saciado pelo serviço de streaming por assinatura da Paramount, o Paramount+.

Apesar da interação direta com o público não existir mais nos programas dos canais de televisão, ela ainda acontece através das redes sociais. Em sites populares, como o Instagram e o Twitter, a partir de postagens descontraídas e escritas com uma linguagem informal, a MTV busca se comunicar com os jovens, mantendo, mesmo que de maneira diferente, o mesmo princípio da antiga MTV Brasil.

José Reis observa a mudança na emissora como drástica, pois não reconhece mais aquele ímpeto de inovação e de aproximação com o público jovem, aquela linguagem especializada e de aproximação com as novas gerações. "A MTV atual, em termos de qualidade de programação, de linguagem e de conexão com as novas gerações, não me parece ser nem a sombra do que foi a MTV Brasileira que encerrou suas atividades no final de 2013", explica.

Para ele, esse novo conteúdo não está preocupado com a nova geração. "Diz mais sobre a MTV atual do que sobre a nova geração".

Entre ruínas, testemunhos e projeções: a arte contemporânea como questionamento político

Atuando em novas formas de reflexão, o movimento propõe modificar padrões culturais e sociais ao emergir questões invisibilizadas

Por Carlos Gonçalves e Rafaela Reis Serra

A relação entre a arte e a política emerge como uma forma de manifestação, que busca transformar as estruturas de poder existentes. Ao combinar a estética com uma proposta social, a arte contemporânea se torna uma ferramenta para despertar consciências, promovendo o diálogo e impulsionando mudanças. Seja por meio de imagens, narrativas ou performances, ela busca romper com as convenções estabelecidas e provocar novas reflexões; auxiliando na construção da memória coletiva e preservando eventos históricos que podem ser esquecidos ou distorcidos.

Além da potência em modificar o espaço político-social, a arte juntamente com os fomentadores culturais – museus, galerias, curadores, críticos e pesquisadores –, somam-se transcendendo barreiras linguísticas e culturais, alcançando novas temáticas e públicos para o diálogo.

Para o curador, pesquisador e professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Marcus Bastos, o movimento artístico executa novas reflexões que resultam em ações políticas. “A arte é um meio para atuar na sensibilidade das pessoas de forma a conscientizá-las e engajá-las com o mundo. Isto tem um sentido político: mesmo quando não leva a ação política direta, a arte contribui para equalizar os posicionamentos da sociedade sobre seus processos”. Assumir a importância artística em contribuir com os debates políticos traz como efeito novas reflexões, modificando por exemplo, a forma como uma exposição é desenvolvida e o reconhecimento de novos artistas no campo acadêmico e cultural.

Ciente dessa necessidade, Bastos juntamente com os curadores Demétrio Portugal, Dudu Tsuda, Paulo Hartmann e Priscila Arantes, criaram o festival PerformAR Circuitos. O projeto nasceu de uma inquietação política junto ao sistema das artes, que costuma ser construído de forma restrita e com um diálogo limitado. Propondo um olhar voltado para o coletivo e inclusivo, o festival é formado por diferentes frentes: um grupo de pesquisa, três festivais e um selo de música experimental e arte sonora.

Desempenhando um papel fundamental na conscientização e mobilização social, a arte política possibilita a união de grupos em torno de causas comuns. Ao ampliar este leque, novas perspectivas e formas são inseridas no espaço cultural, legitimando ideias e visões que antes eram ocultadas intencionalmente. “Ao propor novos debates e reflexões na arte, especialmente quando busca refletir sobre aspectos importantes da sociedade contemporânea, o curador e o pesquisador contribuem para afetar a sociedade de forma a estimular novos rumos”, diz Bastos.

A arte contemporânea, entre tantas vertentes possíveis, pode unir a pesquisa acadêmica juntamente com a linguagem artística, comunicando de uma maneira que as ciências, isoladamente, não conseguiriam demonstrar à sociedade. Desta forma, hoje é possível encontrar diversos artistas-pesquisadores produzindo densos projetos e exposições que ampliam as formas de reflexão. O benefício da pesquisa atrelada à arte revela problemáticas sociais, políticas e culturais tanto pelo caminho do sensível como do científico, potencializando o conhecimento como um todo.

Com uma longa trajetória nacional e internacional, a artista, videomaker e pesquisadora, Sonia Guggisberg evidencia através dos seus projetos temas sociais que necessitam ser evidenciados: “a arte na minha maneira de entender e fazer, está ligada diretamente a exposição sensível de fatos e questões que provocam a misoginia e a xenofobia, pois são temas carregados de preconceito e ódio. Se você expõe ao público imagens, sons ou documentários voltados para essa temática, ele vai ser impregnado e ao mesmo tempo influenciado de alguma maneira. Permitindo que se reduza o olhar distorcido neste mundo de preconceitos.”

A distorção dos fatos e o ocultamento que ocorrem na mídia, tornam-se formas de alienar a sociedade, podendo potencializar ações violentas e reforçar discursos extremistas. O desvelar que a arte propõe vai em busca de novas formas de refletir sobre o campo social, para a artista:



© acervo do festival

Apresentação do artista multimídia
Dudu Tsuda no PerfomAR Circuitos

© acervo do festival

Apresentação da banda Metagolova no
PerfomAR Circuitos



© acervo da artista

Fotografia pertencente ao documentário
Subsolo (2013)

"a sociedade é imersa na condição que a mídia oferece, no jornalismo, que expõe fatos e imagens de uma maneira diferente da arte. A arte vai atuar através de sensibilidades e não da exploração da dor, das dificuldades mais violentas e visíveis, mas vai trabalhar de uma outra forma, propondo novos diálogos com o público".

Devido a longa pesquisa e densidade em torno de suas obras, os projetos de Guggisberg transcendem a arte, tornando-se pesquisas de referência para denúncias sociopolíticas, entre eles: o documentário Subsolo (2013), faz referência ao projeto Nova Paulista, que tinha como objetivo construir uma via expressa subterrânea sob a Avenida Paulista. Em 1973, a obra foi paralisada e enterrada no subsolo da avenida por interesses da elite paulistana e político-militares.

O projeto Sistema Ecos (2014), feito na praça Victor Civita – onde havia o principal incinerador da cidade São Paulo, resultando na contaminação do solo –, foi criado pela artista com a participação de convidados para a realização de obras site-specific, que propunham refletir sobre questões urbanas e ecologia.

No longa-metragem Sem Rosto (2019), é abordado o movimento dos refugiados que partem do Oriente Médio em direção a Europa – considerado como o maior êxodo humano contemporâneo. Através de viagens para a Lampedusa e Grécia, a artista captou imagens, vídeos e testemunhos dos que foram forçados a morar em campos de refugiados. O filme aborda o sonho de milhares de pessoas em busca de uma vida melhor, mas que é transformado em uma espera sem fim.

Sobre as suas obras, a pesquisadora pontua: "são obras que trazem questões diferentes, mas que me colocam em uma situação de olhar e traduzir para o mundo a minha maneira de enxergar. A liquefação das cidades, das estruturas físicas, sociais e ambientais, como também das estruturas conceituais".

O ato de agir a favor da mudança do status quo, estando engajado em questionar, é uma forma de se assumir como um ser político. O artista que se dedica a essa abordagem não se preocupa somente com a estética que a obra pode oferecer, ele vai além, desprende-se da passividade para expor um gesto ativo, inquietante. "Acredito que a arte é um instrumento político de conscientização, de ampliação, de quebra de fronteiras. Então trata-se de um ato micropolítico, são micro ações que somadas ao longo do tempo, podem transformar o imaginário da sociedade, provocando reflexões de alguma maneira", diz Guggisberg.

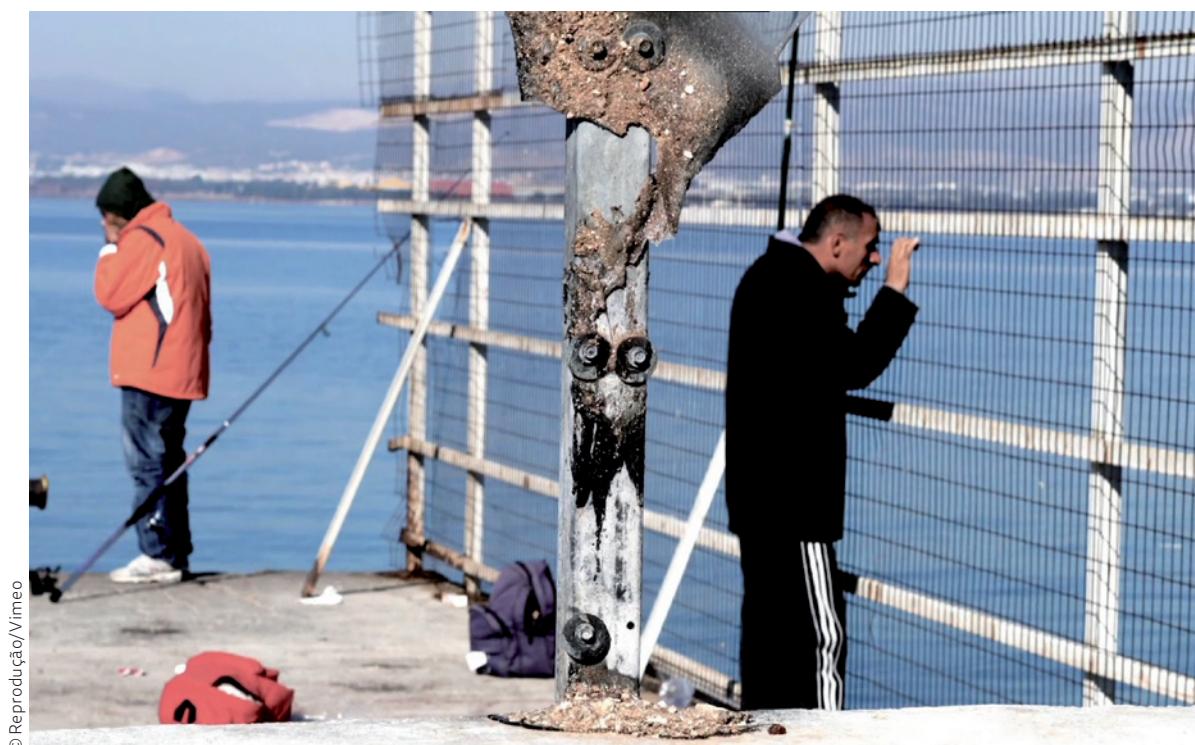


© acervo da artista

Lost Sounds (2014).

Obra pertencente ao projeto Sistema Ecos

Diante de conflitos que compõem a violência social e o apagamento intencional de acontecimentos históricos, a arte ocupa o espaço como meio para conscientizar e trazer à tona tais lacunas, propondo o debate no campo cultural e social. Com o rompimento deste *habitus* conservador, que limita e cega, é possível expor novas perspectivas que até então eram não vistas, não bem-vindas, propondo novos pensamentos que precisam ser somados ao campo social e comunicacional. "O papel da arte é trabalhar essas questões e dar luz às invisibilidades, é desenterrar histórias escondidas, é trabalhar os olhares ocultados e buscar com que esse preconceito gigante, que eu chamo de barreiras interiores, possa ser reformulado, seja revisto e de alguma maneira, transformado", conclui a artista.



© Reprodução/Vimeo

Trecho do Filme Sem Rosto (2019).

Cidade Perfeita

Por Artur dos Santos

EM ENCONTRO RECENTE, ouvi um amigo meu falar de uma bela cidade chamada Sandford, na qual passou os últimos anos. Pouco sei sobre ela, a não ser que é o vilarejo mais impecavelmente perfeito da Inglaterra – incontáveis e inconcebíveis (talvez suspeitos?) prêmios de melhor cidade e um índice de criminalidade de zero por cento são algumas das marcas contadas pelo meu amigo sobre lá.

Sonho em morar no lugar perfeito: nenhuma notícia no jornal – pois não há nada a ser reportado – um clima de consenso pairando no ar, um relaxamento de falta de ruído... não há limites para a cidade perfeita.

Conversamos por horas e cada causa me deixava mais deliciado com Sandford – decidi que, ao voltar para casa, arrumaria minhas malas. Tirando o fato de que eu não encontraria empregos por ser um jornalista, ultrapassada profissão para tão perfeita cidade, nada me afligia.

Me preocupei com os acidentes, confesso.

Durante a conversa, percebi uma alta incidência deles em Sandford. Nada a que meu amigo tenha se atinado, acidentes são corriqueiros. Estranho, inclusive, fui eu ter notado isso, são coisas comuns que todo lugar tem.

Exemplifico a minha preocupação.

Os atores principais de uma homenagem a William Shakespeare vergonhosamente reviveram Romeu e Julieta e se envolveram em um grave acidente de trânsito na manhã seguinte à grande estreia: “um imprevisto!”.

O milionário da cidade, envolvido em contratos com empreiteiras que mudariam parte da dinâmica da região, esqueceu de desligar o gás e explodiu sua própria casa: “mas que circunstância...”.

O jornalista do *Sandford Citizen*, jornal do vilarejo, quando em posse de uma informação reveladora sobre o real valor do terreno da florista – que tentava sair da cidade –, acabou atingido por um pedaço do teto da igreja quando atendia a uma festa da paróquia: “um tremendo azar”.

A experiente florista, quando avisada do valor de seu terreno, acabou se acidentando com as tesouras de seu estabelecimento: “que má fortuna...”

Meu amigo tem um extenso domínio de sinônimos da palavra acidente. Completamente acostumado a esses... “reveses”.

Morreram acidentados os atores, o milionário, o jornalista e a florista. “Infortúnios imprevistos circunstanciais azarados”, naturalmente me assegurou. Cheguei até a pensar com meus botões sobre o jornalista: mal trabalhava, coitado. Nada acontecia na cidade se não inoportunos acidentes! Não tinha notícia nenhuma; mas fácil era entregar páginas em branco para os sandfordianos. Me daria bem entregando guardanapos.

Passei a achar tudo meio estranho. Incontáveis e inconcebíveis prêmios de melhor cidade do país, jornais sem notícias, falta de ruído, criminalidade zero, perfeito silêncio e paz? Atores ruins acidentados no dia seguinte à peça, empreiteiro morrendo logo antes de fechar um importante contrato, jornalista perece quando finalmente reportaria alguma notícia importante, a melhor florista da região falecida logo quando se mudaria de Sandford... “casualidades!” de fato, só podem ser acidentes; não há nada a ser checado.

Voltando para casa, me pus a pensar se já havia passado por algum lugar perfeito tal qual Sandford, ou se já havia me deparado com confortáveis, aconchegantes e silenciosos jornais – só para me acostumar com a ideia de morar na condecorada cidade. Logo me corrigi, pois toda a linha de raciocínio era absurda. Lugar perfeito? Jornal sem notícia? Impensável de tão impossível. Viajo amanhã de manhã.

Em regime de insônia, liguei para meu amigo. Minhas malas já prontas e ansiedades já agudas para finalmente ter paz.

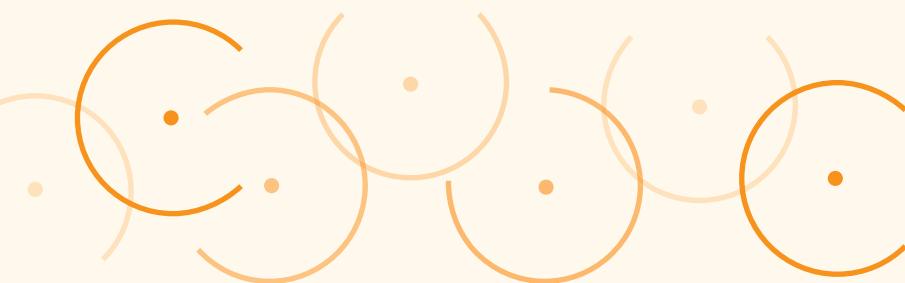
Esperando não sofrer nenhum acidente, sonhando acordado com entregar confortáveis jornais.

Ansioso para ir ao teatro e aliviado por saber que, infelizmente, os atores ruins haviam morrido em um acidente. “Alou!”, deixou de me contar alguma coisa sobre a cidade?

“Há um tempo, surgiu um rumor de um grupo de moradores” grupo de moradores? “Imagino ser coisa leviana, supostamente eles se reuniam para tratar do Bem Maior” do bem maior? “do Bem Maior. Nada que tenha ido para frente, inclusive, há tempos não vejo a pessoa que começou esse rumor” um grupo de moradores, bem maior, “o Bem Maior” ... parecem só rumores mesmo. Que bem maior é esse? “o Bem Maior... não sei”.

Dormi, acordei e me encontro no avião. Mal consigo esperar para morar na cidade perfeita.

Crônica inspirada no filme
Chumbo Grosso (2007) de Edgar Wright.



Antes tarde do que nunca!

Por Julia Takahashi

COM A CHEGADA DA COPA DO MUNDO o coração volta a acelerar e a animação para assistir aos jogos no churrasco com a família e amigos só aumenta. É a seleção feminina representando o país lá fora! É o time com o emblema do Brasil do lado esquerdo do peito, jogando diante do mundo todo!

Este ano teremos a maior edição da Copa do Mundo Feminina: serão 32 seleções, inicialmente com oito grupos de quatro países e as duas equipes com maior pontuação de cada grupo, são classificadas para o mata-mata. O Brasil está no grupo F, junto com a França, que chegou à semifinal em 2015 e perdeu a disputa contra Suécia, Jamaica e Panamá. A atual campeã são os Estados Unidos, que ganharam o torneio quatro vezes: na primeira edição, em 1991 e em 1999, 2015 e 2019, última edição.

Ano passado escrevi sobre o mesmo tema, na expectativa desse ano poder levantar minha bandeira sem medo, já que o ódio foi derrotado nas eleições do ano passado, de forma democrática, mas com muita luta social por trás desta vitória. Também tinha a esperança de este ano poder colecionar figurinhas para o álbum feminino, pois, PASMEM, ainda não há álbum de figurinha da Copa feminina.

Escrevo ainda, pela angústia de ver a falta de apoio ao futebol feminino. Por refletir a falta de anúncios, bandeiras nas janelas e vuvuzelas sendo vendidas em cada esquina, faltando tão pouco para o início da Copa. A participação do time neste campeonato não é de agora, a seleção está presente desde a primeira edição da Copa do Mundo Feminina, em 1991. Mas, ufa! Foi só em 2019 que as meninas tiveram, pela primeira vez, uniformes desenvolvidos exclusivamente para elas! Antes tarde do que nunca!

Vale ressaltar que muitas vezes quando a Seleção é lembrada, normalmente a mídia e muitos torcedores compararam a equipe feminina ao masculino ou então encontram alguma oportunidade para destacar algum jogador. Quando o Brasil disputava a CONMEBOL - UEFA Feminina, também conhecida como “Finalíssima feminina”, no dia 6 de abril de 2023, contra a Inglaterra, o jogador brasileiro Richarlison da seleção masculina, esteve presente e levantou o cartaz “Se o Brasil joga, eu vou. @seleçaoefemininadefutebol”. Claro, que esse apoio é fundamental, mas o público viralizou a atitude do jogador, mostrando o quanto ele era diferenciado, compartilhando como se fosse anormal, algo que deveria ser normal.

Deveria ser comum assistir aos jogos femininos, tal qual ter apoio do masculino e de outros times brasileiros. Deveria ser comum notar que um jogador assiste ao jogo, torcer juntamente e não fazer dele uma estrela. O ponto não é o Richarlison ter torcido, mas como isso é interpretado pela mídia e por nós mesmo.

A sensação dos cochichos e comentários sobre as mulheres jogarem cai sempre no tópico “é estranho”. Mas qual âmbito está essa estranheza? O estranhamento está atrelado ao “diferente”, daí que se difere dos padrões impostos para cada um antes mesmo de nascer! Quando os pais recebem a notícia “é uma menina” automaticamente já preparam o quarto de rosa, as bonecas, os brinquedos de cozinha e pensam nas aulas de ballet, nem imaginam que ela possa ser uma Tamires, Zaneratto ou uma Lelê.



© Thais Magalhães/CBF

Seleção Feminina em campo para jogo

Compartilhar este preconceito apenas alimenta a estranheza. O Brasil as colocou na ilegalidade, por praticar o esporte em 40 e só quatorze anos depois elas voltaram a jogar. Ufa! Antes tarde do que nunca! Quando as mulheres começaram a praticar o esporte, eram vistas como aberrações, uma vez que o futebol era destinado aos homens. Mas isso já faz décadas, o preconceito exercido em relação às jogadoras, não são só as sequelas de todos os obstáculos que elas passaram e ainda vivenciam.

A falta de apoio está atrelada em se acomodar ao masculino e ressaltá-lo em todos os momentos. Em abaixar a cabeça e aceitar que os homens são melhores que as mulheres em todos os sentidos e quando elas são o principal foco, trazer os homens de alguma maneira. Por que em um grande de jogo como Brasil e Inglaterra, a única pessoa exaltada e aclamada foi um homem?

Os países que sediarão a edição de 2023 da Copa do Mundo Feminina serão a Austrália e Nova Zelândia. Iniciará dia 20 de julho, no estádio Éden Park, em Auckland, com o primeiro jogo entre Nova Zelândia e Noruega, campeã da Copa de 1995. A Alemanha também já conquistou o primeiro lugar, em 2003 e 2007, esta última superando o Brasil por 2 a 0.

O Japão foi o outro país que conquistou o pódio em 2011, superando os Estados Unidos nos pênaltis. Esse jogo deve ter sido uma grande emoção. A sede dessa edição foi na Alemanha, caso as norte-americanas tivessem vencido, atualmente seriam tricampeãs da Copa do Mundo Feminina.

O Brasil vai estrear no dia 24 de julho, em Adelaide, na Austrália, contra o Panamá. Depois, enfrentaremos a França, dia 29, e a Jamaica, dia 2 de agosto. Nas oitavas a próxima adversária virá do grupo H, que estão presentes as Seleções da Alemanha, Marrocos, Colômbia e República da Coreia. O último combate será dia 20 de agosto, na cidade mais populosa da Austrália, Sydney.

Assistir ao jogo é torcer pelas meninas, pelo futebol e pelo Brasil. É mostrar interesse pelo esporte, uma vez que somos conhecidos pelo país do futebol. Queria poder estar no clima de copa, com as ruas pintadas, bandeirinhas penduradas e o verde e amarelo em todos os lugares que estiver. Quem sabe um dia, o quanto antes, o futebol feminino também seja a atração principal, que os jogos lotem os estádios e virem a notícia principal. Antes tarde do que nunca!

Tour de France e os motivos para a baixa popularidade do ciclismo profissional no Brasil

Tudo sobre a mais famosa prova da modalidade no mundo e os contrastes do esporte dentro e fora do país

Por Beatriz C. Porto, Giovanna Oliveira, Ian Valente, Lorrane de Santana Cruz
e Sara Gouvêa de Almeida

O cenário do ciclismo ganha, cada vez mais, aderência no Brasil, seja por sediar campeonatos internacionais, ou pelo aumento na produção das bicicletas nacionais – que foi alavancada por novas empresas brasileiras e a chegada de marcas de referência no mercado do país. Porém, apesar do bom momento para a modalidade, obstáculos como preços e acessibilidade ainda atrapalham o desenvolvimento do esporte no país.

Mesmo com certo crescimento do ciclismo, as competições estrangeiras ou brasileiras, não são transmitidas em plataformas, salvo as provas clássicas, exibidas ao vivo pelo canal de assinatura ESPN, como o *Tour de France* – tido como o maior evento de ciclismo do mundo.

Todavia, é raro encontrar matérias sobre o assunto nos jornais brasileiros. Veículos com grande relevância ainda não se manifestaram sobre o campeonato, que acontece em julho e é o mais esperado para os amantes do desporto.

Apenas sites especializados em esportes estão cobrindo as informações até o momento, mesmo com o Brasil sendo um elemento fundamental, já que sedia provas classificatórias para o Tour.

A falta de cobertura por parte de grandes portais é prejudicial para a profissionalização da modalidade no país, local onde já não há incentivo e a seriedade do ofício dos competidores é negligenciada com frequência.

Com estreia prevista para o começo de junho, a plataforma de streaming Netflix produziu um documentário sobre o *Tour de France* 2022. O foco é dar visibilidade aos inúmeros riscos de uma corrida, além de destacar oito das 22 equipes, narrando os desafios enfrentados ao longo dos dias de provas.

A modalidade em território nacional

No Brasil, o primeiro clube de ciclismo foi criado por imigrantes alemães em Curitiba, no ano de 1895, e foi batizado de Clube de Ciclistas de Curitiba. No ano seguinte, São Paulo recebeu o Velódromo Paulista, a primeira pista de ciclismo no país. Esta foi baseada no Velódromo de Buffalo, em Paris.

Em 1904, Antônio Prado Júnior foi o primeiro atleta brasileiro a participar no Campeonato Mundial de Velódromo. Naquele ano, o evento ocorreu em São Paulo. Após 29 anos da construção do primeiro velódromo no município, é criada a

Federação Paulista de Ciclismo, que realizava competições na cidade. Já na década de 1930, foi fundada a Federação Gaúcha de Ciclismo e Motociclismo.

Apesar de ser uma modalidade oficial em Olimpíadas desde 1896, o Brasil só participou no ciclismo pela primeira vez em 1936, nos Jogos de Berlim, na Alemanha. À época, os primeiros representantes do país foram Ricardo Magnani, Dertônio Ferrer e Hermógenes Neto. O Brasil seguiu disputando pelas medalhas até os Jogos de 1960. Depois, o país não conseguiu se classificar para o campeonato até 1972, quando voltou à competição. Em 1976, o Brasil ficou novamente fora do evento, mas voltou em 1980, e desde então não deixou de se classificar até os dias de hoje.

A prova 9 de Julho, disputada pela primeira vez em 1933, na cidade de São Paulo, foi um marco importante para estabelecer a relevância do ciclismo de estrada no Brasil. Desde então, a aderência ao esporte apenas aumenta.

São diversos campeonatos de ciclismo ao redor do mundo, alguns dos mais importantes são: o próprio *Tour de France*, o *Giro d'Itália*, a Volta a Espanha, o Paris-Roubaix e a Volta à Flandres. No Brasil, entre os principais estão: a Taça Brasil de Cross Country; o Brasil Ride que acontece na Bahia e em Espinhaço (MG); o Suba 100 Milhas (BA); a Copa Internacional de Mountain Bike; o Campeonato Brasileiro de Ciclismo e Estrada e o Campeonato Brasileiro de Ciclismo e Estrada Juniores.

Fernanda Venturini, ex-jogadora de vôlei, foi diagnosticada com problemas no joelho e o ciclismo era a única opção de esporte possível, de acordo com os médicos. Venturini pratica a modalidade há 10 anos e participou do *L'Étape Nova York e Brasil*, Lomita, *Tour do Rio*, entre outros. "O ciclismo é um esporte que você pode praticar até ficar velho, ainda mais com as bikes elétricas".

Embora o desporto seja reconhecido, não há visibilidade na mídia atual. Um dos principais motivos é a falta de ciclistas e grandes eventos nacionais ou estaduais. Por não ter tantos atletas isto acarreta no baixo número de telespectadores, já que não é uma prática esportiva tão popular quanto o futebol.

Fernando Cheles é uma das figuras que lutam pelo aprimoramento do cenário do ciclismo nacional. Cheles é diretor técnico e de operações do *L'Étape Brasil* e, em entrevista ao **Contraponto**, contou que:

"o principal fator que deixaria o esporte competitivo mais atraente para a transmissão, seria uma maior base de praticantes, o que vem acontecendo no Brasil, mesmo que ainda seja de forma lúdica".

Outro empecilho que a modalidade enfrenta é o alto custo das bicicletas que atendem todas as necessidades das provas, o que dificulta o acesso de novos atletas. "Mas existem caminhos, a métrica que a gente pode falar é que uma bicicleta simples e barata dá para você treinar e praticar modalidades, não dá para você competir em altíssimo rendimento", declarou Cheles.

Entre as mais de três mil pessoas que usualmente participam do *L'Étape Brasil*, a maioria são amadores, que praticam o esporte apenas por hobby. "De 100 a 150 podem ser considerados profissionais por nível de rendimento, mas não que eles sobrevivam e que são assalariados como atletas esportivos", relatou o diretor técnico.

João Batista, fotógrafo esportivo que já percorreu boa parte da Europa de bicicleta e cobriu provas enquanto esteve viajando, também falou com o **Contraponto**.

Durante as viagens, Batista percebeu uma grande diferença cultural na relação, principalmente de italianos e franceses com o ciclismo. O fotógrafo conta que, na Europa, os governos fazem ações para dar descontos a pessoas que compram bicicletas para ir ao trabalho, além de mais vantagens para pais que levam os filhos às escolas com bicicletas elétricas.



O fotógrafo João Batista na sua chegada à Alemanha em suas viagens pela Europa

© Reprodução/
Paris-Roubaix



O grande campeão da Paris-Roubaix,
Mathieu Van Der Poel

O fotógrafo esportivo explicou que, antigamente, a modalidade também era elitizada, porém os valores dos equipamentos não eram tão altos quanto as quantias que precisam ser desembolsadas pelos itens de alta performance nos dias atuais.

"Antigamente o ciclismo era um esporte caro, mas praticado por pessoas com pouca grana. Os equipamentos sempre foram caros, porém uma bicicleta boa custava entre mil e dois mil dólares, mas agora com essa diferença no câmbio as inovações para as bicicletas chegam a custar de 100 e 150 mil reais", relata Batista.

Acerca das diferenças das provas internacionais e provas nacionais, Batista ressaltou que, "antes eram menos provas, apenas organizadas pela federação, em que o atleta precisaria estar registrado para poder competir, mas agora com essas novas etapas, o L'Etape e o Giro d'Italia permitiram maior participação de um público amador, porém é totalmente elitizado e exclusivo." As inscrições dessas disputas custam, atualmente, em torno de mil reais.

Sobre a falta de cobertura do ciclismo na imprensa brasileira, o especialista afirmou que é necessário algum tipo de incentivo para transmitir as corridas, como o aumento de público consumidor, mas concluiu que dificilmente o Brasil alcançaria o patamar de Itália, Bélgica e França, onde acontecem as competições mais clássicas do ciclismo.

A história por trás da criação da principal corrida da modalidade

O Tour de France foi um evento criado no ano de 1903, após a polêmica prisão de Alfred Dreyfus, então capitão do exército francês, acusado de traição.

O Le Vélo foi o primeiro jornal esportivo a ser vendido diariamente em território francês. Pierre Giffard, o então editor do jornal, se posicionou a favor de Dreyfus. O engenheiro Albert Jules Graf de Dion decidiu criar um jornal rival, L'Auto juntamente à Adolphe Clément e Edouard Michelin.

No novo impresso, o cargo de editor ficou para Henri Desgrange, que era ciclista, e Victor Goddet, proprietário do velódromo do Parc des Princes e jornalista reconhecido pela notoriedade ciclística, construída por meio de artigos e livros publicados na imprensa.

O recém-criado L'Auto não teve o sucesso que era esperado pelos fundadores. As vendas paralisaram e os estoques estavam em grandes quantidades, o que impedia a rivalidade material com o Le Vélo.

Em uma tentativa de salvar os negócios, houve uma reunião, e um jovem jornalista teve uma ideia para ajudar a alavancar as vendas. Géo Lefèvre sugeriu uma corrida de bicicleta de seis dias, na estrada. Esse evento de ciclismo passaria por todo o território francês, além de ser corriqueiro entre os esportistas para vender jornais, criando assim o mais tradicional e mais famoso campeonato de ciclismo do mundo.

Favoritos ao Tour De France 2023

Tadej Pogačar é a sensação do ciclismo mundial. Desde 2019, quando assinou com a equipe UAE Team Emirates, dos Emirados Árabes Unidos, o jovem esloveno de apenas 24 anos fez história. Pogačar ganhou as atenções em 2020, ao se tornar o primeiro vencedor do Tour de France nascido na Eslovênia e, em 2021, a ser o mais jovem bicampeão na história da competição.

O esloveno vem de um bom início de ano ganhando etapas e as clássicas corridas Jaén Paraíso, Paris-Nice e o Tour de Flanders, porém na prova Monumento Liege-Bastogne-Liege, Pogacar caiu e precisou abandonar a etapa com uma fratura no pulso. Agora, o ciclista corre contra o tempo para se recuperar para o Tour de 2023.

O dinamarquês, Jonas Vingegaard, 26 anos, é o atual campeão da maior competição francesa pela equipe Jumbo-Visma, a atual campeã na modalidade. Apesar do favoritismo por ser o campeão do ano anterior, o dinamarquês teve um início de

temporada fraco, ganhando apenas alguns estágios nas três provas que participou.

Mathieu Van Der Poel, da equipe Alpecin-Fenix, é um dos maiores ciclistas da geração, e o holândes vem com confiança para o Tour após ganhar a tradicional prova Paris-Roubaix. Van Der Poel faz sucesso não só no ciclismo de estrada, mas principalmente no ciclocross, ganhando seis medalhas no Campeonato Mundial de Ciclocross, entre os anos 2015 e 2021.

O português João Almeida, de 24 anos, é mais um destaque da temporada e pode aparecer como uma surpresa da equipe estadunidense, Hagens Berman-Axeon. Além disso, Almeida, ao lado de Pogačar, é considerado um dos favoritos ao título de 'camisa branca', que elege o melhor corredor jovem de cada edição da disputa francesa.

Outro candidato a brigar por altas posições é Thomas Pidcock, inglês de 23 anos que recentemente ganhou duas etapas do Mundial de Mountain Bike, e chamou atenção no cenário mundial, além da boa performance no Tour do ano passado.



Premiação da volta Paris-Nice em 2023. Da esquerda para à direita, David Gaudu, Tadej Pogačar e Jonas Vingegaard/Aurelien Vialatte

© Reprodução/Paris Nice

Respeita as minas, mas nem tanto

Um panorama sobre o caso Cuca, a violência contra as mulheres e os impactos no futebol brasileiro

Por Daniel Santana Delfino, Giulia Cicirelli, Lucas Malagone, Pedro Almeida
Premero e Yasmin Solon

No dia 20 de abril, o Corinthians anunciou a contratação do técnico Cuca para substituir Fernando Lázaro no elenco principal do clube. O que parecia apenas mais uma troca de treinadores, se transformou em uma movimentação da torcida contra a escolha do ex-jogador para o cargo.

Com apenas seis dias de trabalho e duas partidas disputadas, Cuca pediu demissão após a classificação do time para as oitavas de final da Copa do Brasil. Mas o que o ex-comandante da equipe fez para a torcida se voltar contra a sua chegada?

O caso

Em 1987, o Grêmio fazia uma excursão na Europa e os jogadores estavam hospedados no Hotel Metropolitano, na Suíça, quando Cuca, Eduardo Hamester, Henrique Etges e Fernando Castoldi foram presos. Em depoimento, a vítima menor de idade afirmou ter ido com amigos para o quarto dos atletas pedir uma camisa do time. Em seguida, os jogadores teriam expulsado os colegas da menina e a forçaram a ter relações sexuais por 30 minutos. Os quatro foram colocados em prisões diferentes e só tinham contato com os advogados selecionados pelo clube.

Todos os envolvidos ficaram presos por 30 dias em Berna, capital suíça, e retornaram ao Brasil após os depoimentos. Cuca, Eduardo e Henrique foram condenados a dois anos, depois de cumprirem 15 meses de prisão e ao pagamento de US\$8 mil (R\$ 38 mil, na cotação atual).

Fernando foi absolvido da acusação de atentado ao pudor e condenado a três meses de prisão, além do pagamento de multa de quatro mil dólares (R\$ 19 mil, na cotação atual) por estar envolvido no ato de violência. Como o Brasil não extradita seus cidadãos, segundo o Art. 5º, inciso LI, da Constituição Federal, os atletas nunca cumpriram a pena.

O caso está sob segredo de Justiça por 110 anos, mas a diretora do arquivo do Estado de Berna confirmou que os quatro receberam uma pena condicional que faz parte da legislação do país. O condenado não é preso por ser réu primário; só vai para a cadeia se eventualmente cometer algum outro tipo de delito durante um prazo determinado pelo juiz e este prazo já prescreveu no caso de Cuca e os demais atletas.

A prescrição penal acontece quando o Estado não pode mais punir determinada conduta criminosa. Isso acontece porque

existe um determinado tempo para que essa punição seja aplicada, e quando esse período não é cumprido, o Estado perde o direito e os condenados se tornam inocentes. As penas dos quatro jogadores prescreveram quando o crime completou 15 anos. Dessa maneira, todos envolvidos podem voltar à Suíça sem risco de serem presos.

Atualmente

Durante a coletiva de apresentação, Cuca disse que não participou do crime: "Eu não sou do mal. Quiseram tentar fazer isso. Eu sei que amanhã vai ter gente 'metendo o pau' de volta, mas eu vou fazer o quê? Eu não tenho o que fazer. Eu não tenho que pedir desculpas pelo que eu não fiz. Isso eu não vou fazer", disse o ex-treinador alvinegro.

Porém em entrevista ao UOL, o advogado que representou a vítima, Willi Egloff, afirmou que a menina reconheceu o técnico como "um dos agressores".

"A declaração de Alexi Stival [o Cuca] é falsa. A garota o reconheceu como um dos estupradores. Ele foi condenado por relações sexuais com uma menor.", disse o advogado. Egloff também confirmou a informação do jornal "Der Bund", de Berne. O periódico suíço ainda revelou que o sêmen de Cuca foi encontrado na garota após análises do material recolhido.



Matéria de 1987 do Estadão sobre o caso

Repercussão

O episódio recebeu atenção especial e ressoou nas mídias de uma maneira que não havia sido comentada na última contratação do técnico em 2022, pelo Atlético Mineiro, nem em qualquer outra ação profissional anterior do ex-jogador. Muitos acreditam que um dos motivos de tanta comoção foi pelas ações sociais que o Corinthians se compromete.

© Rafael Marson/LANCE



Protestos realizados por torcedores no Centro de Treinamento Joaquim Grava

O time inclusive carrega a frase "Respeita as mina". A atitude tomada pela diretoria alvinegra contradiz os ideais do clube, que sempre foi elogiado pelo público em relação a posicionamentos políticos e sociais.

A decisão tomada pelo Alvinegro foi repugnada por inúmeros torcedores, que estenderam faixas em frente ao Centro de Treinamento Joaquim Grava: "Fora Cuca", "Respeita as mina???", "Não estuprem o Corinthians" e "Time do povo???" eram algumas das reivindicações da torcida. Nas redes sociais, o assunto foi recebido e comentado de forma negativa pelo público, adeptos do Timão ou não.

Internamente, a repercussão foi um pouco diferente. Roger Guedes, jogador do Corinthians saiu em defesa do ex-técnico da equipe: "Infelizmente, vivemos em um momento em que as pessoas julgam e não deixam a pessoa provar a sua inocência. As pessoas precisam rever suas falas".

O posicionamento de Guedes propagou na mídia e deixou parte dos torcedores enfurecidos. Além de jogadores e jogadoras – inclusive as do próprio Corinthians Feminino, como a lateral-esquerda Tamires.

Tamires, em nota publicada no Instagram, expressou: "Estar em um clube democrático significa que podemos usar a nossa voz, por vezes de forma pública, por vezes nos bastidores. 'Respeita as mina' não é uma frase qualquer. É, acima de tudo, um estado de espírito e um compromisso compartilhado. Ser Corinthians significa viver e lutar por direitos todos os dias."

Em entrevista exclusiva ao **Contra-ponto**, a jornalista Isabela Labate, que fez a cobertura do Paulistão, se dispôs a falar sobre o caso. "A gente vê muita relativização da violência contra a mulher, muitas vezes ignoram a gravidade do crime e preferem fechar os olhos e simplesmente aceitar e fazer vista grossa". Labate complementa: "Como mulher, vendo dirigentes, clubes, jogadores, relativizarem a violência contra nós, eu me sinto totalmente desrespeitada."

Mais casos

Recentemente, outras denúncias de violência contra a mulher surgiram. Como exemplo, os episódios de Daniel Alves e Robinho, o primeiro preso por tentativa de estupro na Espanha e o segundo, condenado na Itália por estupro, mas que segue a vida impune no Brasil.

Robinho foi sentenciado a nove anos de prisão, em regime fechado em solo italiano. Pouco antes da condenação, o jogador chegou a ser anunciado como reforço do Santos, que após repercussão negativa, voltou atrás na negociação. Entretanto, o ex-atacante segue em liberdade no Brasil, já tendo sido flagrado em partidas de futevôlei com grandes nomes do esporte brasileiro.

No começo deste ano, a Justiça italiana pediu o cumprimento da pena no Brasil, já que, novamente, pela cláusula de não-extradição na Constituição brasileira, Robinho não pode ser extraditado. O caso está em julgamento no STJ (Supremo Tribunal de Justiça) e ainda não tem previsão de conclusão.

O outro acontecimento recente foi envolvendo Daniel Alves. Pouco tempo após defender a seleção brasileira na Copa do Mundo de 2022, no Catar, o defensor foi preso em Barcelona sob a acusação de estupro.

O jogador, em primeiro momento, negou a denúncia e depois mudou a própria versão dos fatos mais de cinco vezes. O lateral-direito assume que houve ato sexual, mas culpa a vítima em todas as versões.

A mulher de 23 anos que acusa o jogador abriu mão da indenização que teria direito na justiça espanhola. O atleta tinha uma legião de fãs, que se mostraram surpresos, chocados e decepcionados. Desde então, nenhum jogador do Brasil que disputou a Copa, nem mesmo o ex-treinador Tite, reprovou seus atos. Alguns até desejaram força ao denunciado, que segue preso aguardando julgamento.

Demissão

De acordo com a ESPN, o atual presidente do Corinthians, Duílio Monteiro Alves, saiu em defesa do técnico e disse que a contratação "não mancha a história do clube".

"Corinthians é o time das minorias, da democracia, mas não da injustiça. Ele não estuprou. A vítima não o apontou como estuprador, foram consultados vários advogados também. Pesou isso na hora de trazer", disse o presidente.

"Ele [Cuca] ficou chateado comigo uma época, porque chegou nele que eu não traria um estuprador para o time. Eu falei com ele e fui entender o que aconteceu. Falei com a Cris Gambaré (diretora de futebol feminino do clube) sobre a vinda dele. Expliquei para elas e para algumas meninas do time (feminino) que estavam assustadas com o que viram na internet e nós explicamos a história. Elas entenderam", explicou Duílio.



© DaniloFernandes

Duílio Monteiro Alves e Alessandro Nunes no ct Joaquim Grava

"Eu sempre tomo as minhas decisões aqui. Temos muitas mulheres trabalhando aqui e defendemos a causa e continuaremos. Não existe manchar a história. A luta continua", terminou o dirigente.

Os torcedores do Timão ficaram divididos sobre a contratação tão polêmica, alguns aceitaram o técnico pelo currículo vencedor e acreditavam que era o nome certo para resolver a má fase do Corinthians. Já outros se recusaram a aceitar Cuca no cargo pela história do time, das campanhas que o próprio clube faz e pela questão moral.

As principais organizadas do Alvinegro fizeram notas sobre o assunto no Instagram. A Pavilhão 9 mencionou o caso de estupro e o definiu como "escândalo de Berna". A Estopim da Fiel, Fiel Macabra e a Coringão Chopp também se manifestaram contrárias à contratação de Cuca.

A Camisa 12 definiu a contratação de Cuca como "uma das maiores vergonhas", em um comunicado postado nas redes sociais. A organizada

também disse que a história da instituição não poderia aceitar a chegada do treinador, que foi condenado por estupro de uma jovem de 13 anos em 1987. "O Corinthians foi fundado para ser o clube dos excluídos, dos pobres, que abraçou muita gente. O que está em jogo é a reputação de um dos maiores movimentos sociais desse país", dizia parte da nota.

De acordo com setoristas do Alvinegro, membros da Gaviões da Fiel, principal organizada do Corinthians, se dividiram sobre a admissão do treinador e, por isso, a torcida não se manifestou sobre a contratação.

Depois de todas as polêmicas, Cuca se demitiu. Ao partir, disse: "Saio neste momento porque não era como eu queria. Quem julga, também pode ser julgado. É agradecer aos jogadores nesses sete dias que estou aqui, os caras me abraçaram. Foi muito bacana. Se Deus quiser, eu volto um dia para poder fazer um trabalho do começo ao fim".

Por que agora?

Surgiu, nos últimos anos, uma onda de engajamento em diversas causas sociais nos esportes, sobretudo no futebol. Casos, especificamente, de violência às mulheres, sejam elas quais forem, são confrontados e, principalmente, rejeitados.

Cada vez mais as mulheres conquistam o próprio espaço no futebol, mas ainda lutam contra o machismo. A repórter Isabela Labate recorda que no começo da sua carreira, o machismo esteve mais presente do que hoje. "Entre 2013 a 2018, eu sofria muito mais dificuldade em trabalhar dentro dos estádios. Era muito xingada e hoje eu já não sinto tanto esse preconceito."

A jornalista também apontou sobre como o cenário está mudando, com mais mulheres no jornalismo esportivo, apesar de ainda viverem episódios ofensivos. "Eu acho que com a presença, cada vez mais feminina, nos cargos, o jornalismo esportivo está se tornando mais comumente inclusivo. Os homens e a sociedade já estão se acostumando e respeitando mais a gente enquanto jornalista esportiva."



© Marcos Riboli

Cuca saindo da coletiva de imprensa pós-jogo na qual pediu demissão



O futebol feminino foi proibido por mais de quatro décadas no Brasil

Natureza feminina e futebol alinhados

Após o resgate da legalidade do esporte para mulheres, o conhecimento sobre o corpo feminino se tornou estratégia para melhorar o desempenho das atletas nos gramados. As comissões técnicas de importantes clubes e seleções têm se dedicado à compreensão do ciclo menstrual de cada jogadora e acompanhado seus indicadores médicos. Na Copa do Mundo de 2019, a seleção dos Estados Unidos adotou esse monitoramento para otimizar o rendimento das jogadoras. Findada a competição, as estadunidenses levaram o título da edição.

O clube britânico Chelsea foi pioneiro na adoção dessa estratégia. Emma Hayes, responsável pela equipe feminina, foi quem tomou a iniciativa. Em entre-

Feminilidade como potência dentro das quatro linhas

Clubes apostam na compreensão da natureza feminina para melhorar o desempenho das atletas nos gramados

Por Beatriz Barbosa, Gabriela Jacometto, Giulia Cicirelli, Maria Clara Magalhães e Sônia Xavier

O futebol feminino no Brasil enfrentou uma longa batalha contra a resistência ao longo da história do esporte, e a coragem e determinação das mulheres têm sido essenciais para combater as desigualdades entre as modalidades. Contudo, os estereótipos patriarcais associados à noção tradicional do "ser feminino" muitas vezes diminuem e silenciam a presença delas nos campos.

Em abril de 1941, entrou em vigor o decreto que proibiu o futebol feminino no Brasil por 42 anos: "As mulheres não se permitirão a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza". Tratava-se da reafirmação de uma velha ideia misógina: esporte e mulheres são inconciliáveis. A natureza feminina foi considerada por muito tempo um fator limitante para a sua participação no desporto.

vista para o jornal The Telegraph, Hayes destacou que, por anos, o trabalho de recuperação, os treinos e padrões de condicionamento atribuídos e baseados nas seleções masculinas eram igualmente aplicados às atletas. Mesmo com bons resultados, ela reconhecia que os treinamentos não potencializavam a atuação das jogadoras. Havia um detalhe: mulheres cis, diferentemente de homens cis, passavam por um período de alteração hormonal mensalmente.

O acompanhamento do ciclo menstrual permite a avaliação da carga dos treinos, da qualidade do sono, alimentação e saúde mental de cada integrante. Taline Costa, médica especialista em Medicina do Esporte pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), trabalhou por seis anos com a equipe feminina do Corinthians e em entrevista para o **Contraponto** contou: "Monitoramos o ciclo menstrual das atletas e a partir daí, trabalhávamos na individualização das abordagens. Por exemplo, se a jogadora está no período pré-menstrual, talvez um momento mais sensível, é preciso pensar em como vamos abordá-la até na forma de falar sobre o treino, 'dar bronca'".

Segundo Costa, esse monitoramento permite o entendimento das quedas nas performances. "Sabe-se que a atleta está no período pré-menstrual, portanto, não se pode esperar um alto desempenho. Às vezes, cabe até adaptar o treinamento a depender do caso". A doutora destaca que o acompanhamento deve ser individualizado e considerar o uso de anticoncepcional, regularidade do ciclo, queixas de cólicas, fadiga e alteração de humor, por exemplo.

Depois de anos de inferiorização da modalidade, as equipes femininas são acompanhadas por uma comissão técnica com diferentes profissionais. A especialista afirma que a compreensão das particularidades das jogadoras é essencial para o desenvolvimento do futebol de mulheres, porque "de fato, é diferente do homem atleta".

Encruzilhada entre maternidade e foco no esporte

Por anos, a esfera pública alimentou um discurso no qual a função social da mulher foi construída. A essência feminina resumia-se apenas ao entendimento biológico: reprodução e maternidade.

E apesar da resistência para que esse estereótipo fosse desconstruído, alguns vestígios ainda evidenciam um grande atraso do suporte gestacional na modalidade.

© Reprodução UOL



Luciana e sua filha Ana Luiza de 12 anos

Em entrevista ao **Contraponto**, a meia-campista do Real Brasília, Luciana Santos, relata que a conciliação da profissão com a maternidade fez com que ela pensasse no futuro: "Quando descobri minha gravidez, pensei se continuaria ou pararia por ali. Carreguei medos e inseguranças, mas as pessoas que estiveram ao meu lado e me ofereceram suporte, me ajudaram muito. Hoje, mesmo após 12 anos, essas pessoas continuam fundamentais em minha vida e o futebol é tão importante para mim, quanto para minha filha".

Apesar do apoio inimaginável que o cenário da modalidade construiu nos últimos anos, alguns clubes ainda enfrentam consequências, já que as práticas esportivas femininas se desenvolveram tarde. O suporte médico e psicológico ainda é precário em muitas instituições.

Parte do público ainda carrega consigo uma mentalidade misógina, impondo que as atletas não podem separar a vida materna da profissional. No futebol feminino, é preciso que se prove todos os dias sua qualidade, e as habilidades são ainda mais invalidadas com as marcas deixadas pela gestação: "Sempre teremos cicatrizes, mas essas marcas são de amor. A sociedade escolhe um padrão, mas ele nunca será suficiente. Então o que importa é o que eu ainda posso oferecer em campo", conta a jogadora.

A ascensão do futebol feminino é símbolo de bravura. Constantemente, a vontade de estar nos estádios será espelhada na força das atletas. Ser mãe é um desafio diário, mas a premiação final das profissionais do esporte são recompensadas com aquele sorriso específico nas arquibancadas, o sorriso dos filhos.

As regras do jogo: licença-maternidade

No Brasil, está em vigor a Lei Pelé (Lei 9615), responsável por estabelecer diretrizes para conduzir o esporte no território nacional. Apesar das normas sobre o Contrato Especial de Trabalho (CETD), não há artigos voltados às individualidades femininas, como a gravidez, o que revela o despreparo das instituições.

A negligência frente à maternidade no meio futebolístico fez com que a ausência de atendimento às necessidades básicas das atletas não fossem repudiadas. No Brasil, assim como no restante do mundo, as conquistas como o direito da licença-maternidade vieram à tona após constantes lutas do movimento feminista, o que fez da causa também política.

Foi apenas no fim de 2020 que a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) anunciou uma reforma para tratar da gravidez de atletas. Destaca-se que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) deve reproduzir as normas da FIFA, então, é de extrema relevância atentar-se às legislações e suas regras.

Por ora, entre os direitos garantidos às jogadoras, frisa-se: ao menos 14 semanas de licença-maternidade, remuneradas a dois terços do salário. Qualquer instituição que reincidir o contrato com uma atleta que está ou esteve grávida será multado e também sancionado se tentar contratar novas profissionais durante a temporada.

Da proibição à obrigatoriedade: qual o equilíbrio?

A obrigatoriedade de equipes femininas, adultas e de base nos clubes da série A do Brasileirão foi anunciada em 2017, pela CBF, e faz parte de uma das 34 medidas exigidas pelo Licenciamento de Clubes adotado para estruturar melhores práticas de gestão nos times do país.

O regulamento foi aprovado ainda em 2016 pela Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol), que também passou a exigir equipes femininas para todos os clubes que disputam as Copas Libertadores e Sul-Americana. As medidas se adequam ao artigo 23 do estatuto da FIFA, que cobra das confederações a adoção de

D. 04

Equipo femenino

El solicitante deberá tener un primer equipo femenino o asociarse a un club que posea el mismo. Además deberá tener por lo menos una categoría juvenil femenina o asociarse a un club que posea la misma. En ambos casos el solicitante deberá proveer de soporte técnico y toda la equipamiento e infraestructura (campo de juego para la disputa de partidos y de entrenamiento) necesarias para el desarrollo de ambos equipos en condiciones adecuadas. Finalmente, se exige que ambos equipos participen en competiciones nacionales y/o regionales autorizadas por la respectiva asociación miembro.

Regulamento da Conmebol

medidas de governança que incluem, dentre outras questões, a incorporação de artigos que preveem a igualdade de gênero.

A exigência começou a valer em 2019, o que deu aos times dois anos para a adaptação. A regra solicita o fornecimento de suporte técnico e todo o equipamento de infraestrutura - campo de jogo para a disputa de jogos e treinos - necessários para o desenvolvimento de ambas as equipes em condições adequadas e que os times femininos, próprios ou de algum outro clube – nesse caso o solicitante fornece as condições essenciais para o aperfeiçoamento da equipe –, sejam vinculados em ao menos uma competição oficial da CBF, podendo ser campeonatos nacionais ou estaduais.

Mesmo com o período de dois anos para a adequação, segundo levantamento do Globo Esporte, na época, 13 dos 20 clubes que iriam disputar o Brasileirão ainda não atendiam a todas as determinações do regulamento com menos de quatro meses para início do campeonato.

Neste ano, durante o sorteio da primeira fase da Copa do Brasil masculina, em fevereiro, o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues, afirmou que times da série B, C e D do Campeonato Brasileiro terão até 2027 para estruturarem equipes femininas: "Na Série A é obrigatório ter o futebol feminino. Isso será estendido para as Séries B, C e D. O clube que, em 2027, for jogar a Série D, tem que ter o futebol feminino. Com isso, são 64 clubes a ter futebol feminino".

O Ser Feminino: marca de singularidade

Apesar da prática feminina no futebol estar evoluindo, os avanços ainda são insuficientes. Embora sejam protagonistas das mudanças, a manutenção da visão patriarcal sobre a modalidade dificulta a equiparação entre o futebol masculino e a prática das mulheres.

A não-observação, pelos clubes e instituições do futebol, sobre a condição feminina da maternidade e dos ciclos menstruais, por exemplo, torna-se um empecilho na vida dessas profissionais. A pressão do público e da mídia sobre essas mulheres também são fatores que contribuem para que a feminilidade seja um tópico de debate na luta.

Características como força, velocidade, agressividade, contato e competitividade, vinculadas, geralmente, ao futebol masculino, são cobradas também na prática feminina, sem considerar as particularidades desses corpos, o que, por vezes, acaba associando a imagem da mulher com a incapacidade. Mas segundo a médica Taline Costa, a compreensão dessas singularidades é necessária para que haja uma ascensão do futebol feminino: "imagine falar em desenvolver uma tecnologia pensada no ciclo menstrual das atletas? Isso com certeza representa muito para o futebol feminino e para as mulheres de uma forma geral", finaliza.

Torcidas de autistas ganham espaço em estádios no Brasil

Falta de estrutura adequada e projetos de inclusão são obstáculos e provocam debate sobre acessibilidade em partidas de futebol

Por Kauã Alves, Luiza Miranda
e Melissa Joanini

O futebol é a maior paixão para a maioria dos brasileiros. A fim de tornar o contato com o esporte mais inclusivo para a população autista, torcidas de diversos times cobram ambientes adequados em estádios. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma em cada cem crianças no mundo é diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) não possui dados sobre o número de pessoas nesse espectro no país.

O Corinthians, um dos principais times da elite do futebol nacional, possui a primeira organização do Brasil voltada para os torcedores com autismo e foi o precursor do movimento de integração dessa população.

A Autistas Alvinegros ganha o carisma dos fanáticos nas arquibancadas e também fora dos estádios, somando mais de 27 mil seguidores nas redes sociais. Junto da Gaviões da Fiel, fazem com que a legião de corintianos seja a segunda maior torcida no Brasil, representando 14,2% dos brasileiros, segundo levantamento do AtlasIntel.

Os torcedores dentro do Transtorno do Espectro Autista estão presentes nos treinos abertos, jogos do elenco principal, do time feminino e das categorias de base, levando o Timão a abraçar a causa e, em 2019, criar um espaço para recebê-los adequadamente em seu estádio. A princípio, eles se reuniam no setor Leste da Neo Química Arena, mas com a criação do ambiente, o setor destinado ao grupo tornou-se o Oeste Superior.

O Alvinegro foi o primeiro time brasileiro que inaugurou um ambiente próprio para pessoas neurodivergentes, promovendo visibilidade à causa e acessibilidade. A adaptação no estádio aconteceu com a instalação de paredes e janelas com isolamento acústico, atividades de entretenimento voltadas para



© Alex Silva/Estadão

Faixa do grupo de torcedores autistas alvinegros sendo exibida em jogo

esse público, brinquedoteca, tapetes pedagógicos, televisões e videogames.

Ídolo dos corintianos, o goleiro Cássio abraçou o projeto Autistas Alvinegros, ajudando na divulgação do movimento de inclusão. O jogador é pai de Maria Luiza, de quatro anos, diagnosticada com autismo. Através do seu engajamento com a pauta e a iniciativa, Cássio tornou-se um representante da torcida nos gramados e diante dos holofotes.

Pessoas com TEA têm acesso gratuito aos jogos do Corinthians, com direito a até três acompanhantes que pagam meia-entrada no ingresso. Para esse benefício, é necessário que o indivíduo cadastre seu e-mail e apresente o laudo médico. O cadastro e a compra podem ser feitos pelo site oficial de vendas do clube.

O psicólogo e especialista em análise do comportamento de pessoas com TEA, Cláudio Sarilho, explica a importância do esporte na inserção e desenvolvimento de torcedores neurodivergentes. "As pessoas diagnosticadas com TEA têm como uma das características o déficit na interação social e, nos esportes coletivos, as crianças aprendem a se relacionar com outros indivíduos, como ajudar o outro e a competir".

Após a iniciativa do Corinthians, outras torcidas e times brasileiros iniciaram os seus próprios projetos de inclusão. As equipes paranaenses Coritiba e Londrina criaram espaços adequados para os torcedores do transtorno em seus estádios. O São Paulo e Goiás iniciaram as obras para a construção de salas sensoriais.

Sarilho avalia que um local adequado para torcedores autistas são salas silenciosas, com brinquedos e estímulos sensoriais. Contudo, pondera que "é muito difícil ter um espaço bom para todos, porque as crianças do espectro são muito diferentes umas das outras".

Mariana Garcia, fundadora da torcida Autistas Alviverdes do Palmeiras, afirma que o barulho é a principal dificuldade enfrentada por aqueles que estão dentro do

espectro e, por isso, seria fundamental que todos os estádios possuíssem um setor adequado. O Allianz Parque, casa dos palmeirenses, e muitos outros estádios no país, não têm um espaço reservado aos autistas.

A Autistas Alviverdes almeja conquistar uma sala sensorial dentro do Allianz Parque, com acústica adaptada, adequadas para receber torcedores com TEA. Enquanto isso não acontece, esses adeptos contam com parcerias de camarotes e clínica inclusiva que dispõe de terapeutas ocupacionais durante os jogos do Palmeiras. "Levar a conscientização e o respeito é o principal objetivo do projeto, porque não depende de nós. Fazemos a nossa parte de mostrar que existe e que temos os mesmos direitos que todos os outros torcedores", diz Garcia.

O fundador da torcida Sou Tricolor Autista, do São Paulo, Michael Barbosa, conhecido como Mike, conta que foi inspirado pela iniciativa dos Autistas Alvinegros, do clube rival. Pai de João Pedro, de cinco anos, diagnosticado com autismo, se interessou em criar um movimento semelhante em seu time.

No estádio do Morumbi, campo do São Paulo, a criação de uma sala adaptada para torcedores com TEA já está em andamento e deve ser entregue até o final deste ano. Além disso, o grupo de inclusão busca facilitar o acesso aos ingressos para PCD's (pessoas com deficiência), que atualmente só podem ser comprados fisicamente. A proposta é que, assim como no site do Corinthians, uma plataforma seja criada para esse processo.

Apesar da movimentação do clube, Mike explica que a articulação do grupo segue acontecendo. "O próximo passo é continuar pressionando o São Paulo, acompanhar a obra da sala sensorial, que está acontecendo no Morumbi, e verificar se ela está atendendo as necessidades. Continuar na luta até que a gente conquiste todos os direitos que os autistas possuem para serem bem acolhidos no estádio".



© Fifa

Garoto autista assiste jogo em estádio da Copa do Mundo 2022